

ELIEZER MARTINS RODRIGUES

**A CRIANÇA GUARANI ÑANDEVA NA TEKOKA PORTO
LINDO/JAPORÃ-MS**

**UNIVERSIDADE CATÓLICA DOM BOSCO
Campo Grande - MS**

2018

ELIEZER MARTINS RODRIGUES

**A CRIANÇA GUARANI ÑANDEVA NA TEKOKA PORTO
LINDO/JAPORÃ-MS**

Dissertação apresentada ao curso de Mestrado, do Programa de Pós-Graduação Educação da Universidade Católica Dom Bosco como parte dos requisitos para obtenção do grau de Mestre em Educação.

Área de Concentração: Educação

Orientador (a): Dr. Carlos Magno Naglis
Vieira

UNIVERSIDADE CATÓLICA DOM BOSCO
Campo Grande - MS

2018

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Biblioteca da Universidade Católica Dom Bosco - UCDB, Campo Grande, MS, Brasil)

R696c Rodrigues, Eliezer Martins

A criança Guarani Nhandeva na Tekoha Porto Lindo/Japorã-MS
/ Eliezer Martins Rodrigues ; orientador Carlos Magno
Naglis Vieira.-- 2018.

64 f. : il. ; 30 cm

Dissertação (mestrado em educação) - Universidade
Católica Dom Bosco, Campo Grande, 2018

1. Crianças indígenas - Educação. 2. Índios Guarani
Nhandeva. 3. Reserva Indígena Porto Lindo - Japorã
(MS). I. Vieira, Carlos Magno Naglis. II. Título.

CDD: 371.97

**“A CRIANÇA GUARANI ÑANDEVA NA TEKOKHA PORTO
LINDO/JAPORÃ - MS”**

ELIEZER MARTINS RODRIGUES

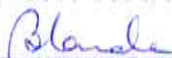
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: EDUCAÇÃO

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Carlos Magno Naglis Vieira (PPGE/UCDB) orientador



Prof^ª. Dr^ª. Beatriz dos Santos Landa (PPGANT/UFGD - PROFHIST/UEMS) examinadora
externa



Prof^ª. Dr^ª. Adir Casaro Nascimento (PPGE/UCDB) examinadora interna



Campo Grande - MS, 23 de março de 2018

UNIVERSIDADE CATÓLICA DOM BOSCO – UCDB
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO – MESTRADO E DOUTORADO

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho de dissertação a família Guarani Ñandeva de Porto Lindo Yvy Katu, a minha família, aos professores da Escola Tekoha Guarani Polo e suas extensões, aos rezadores Guarani Ñandeva e as lideranças: o senhor Sabino Dias Martins, o senhor Cantalício Godoi. Esses dois senhores são sábios no ensino aprendizagem e pessoas que garantem as transições de nossos saberes no campo da Educação Guarani, antes da escolarização e também na Educação Escolar Indígena.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar quero agradecer a Deus –Tupã Nhanderuete Yvy há Yvagare omandapava (Deus do céu e da terra).

Pela saúde, coragem e proteção nas idas e volta pela rodovia – BR 163.

A minha avó Nha Remicia, Dona Eunice (*in memorian*) que me ensinou desde infância os saberes guarani ñandeva a cosmologia indígena do meu povo.

Aos rezadores o senhor Carlos de Souza (*in memorian*) o senhor Leopoldo de Souza- tatu-i e que me atendia com bastante carinho e paciência.

A minha mãe (*in memorian*) ela foi uma pessoa que me ajudou com maior carinho nos momentos difíceis a Dona Aparecida Rodrigues.

Aos meus filhos Geciel, Elimara, Jander e Telvis, pela compreensão da minha ausência e dificuldades enfrentadas durante o estudo.

Aos colegas da escola pólo e extensões da Terra Indígena Porto Lindo/Japorã-MS e do território Yvy Katu que desde início me incentivaram para ingressar no Programa de Mestrado em Educação da Universidade Católica Dom Bosco/UCDB.

Aos meus colegas Yan Chaparro que sempre estava pronto quando eu precisava de carona, ida e volta da rodoviária a UCDB e ao professor João Carlos da Universidade de Rondônia que me ajudou na organização do projeto de pesquisa na aldeia Porto Lindo/Japorã-MS. Aos colegas do mestrado que muito contribuíram e auxiliaram.

A Secretaria Municipal de Educação, o senhor Nivaldo Dias Lima e o prefeito municipal de Japorã/MS, o excelentíssimo Senhor Vanderlei Bispo de Oliveira, por ter concebido o meu afastamento para o estudo do mestrado dando condições para a continuidade da minha vida acadêmica na universidade.

Ao meu companheiro, professor e vereador Joaquim Adiala, que sempre quando eu precisava de passagens de ida e volta me atendia com maior atenção.

Aos meus irmãos, André Martins (*in memorian*), Isaias Martins, Edleia Martins, Gerson Martins, Germano Martins, Samuel Martins, Felícia Martins (*in memorian*), Edna Martins, que contribuíram comigo durante a formação e até no final do estudo.

A minha professora Dra. Adir Casaro Nascimento pela paciência, oportunidade e apoio para fazer parte desse grupo de mestrado, além de contribuir na minha formação desde o Projeto Ára Verá e Teko Arandu.

Em especial ao professor Antônio Jacó Brand (*in memorian*) que contribuiu muito com a minha formação para compreender a conjuntura de política em defesa dos direitos dos povos indígenas e em especial o Povo Guarani de Porto Lindo.

Ao meu orientador professor Dr. Carlos Magno Naglis Vieira pela paciência e compreensão com a minha fala e as minhas dificuldades de me comunicar para a orientação de trabalho e pela capacidade que ele teve de orientar um indígena Guarani que mora muito longe, mas com os esforços conseguimos realizar o meu sonho.

Ao coordenador do Programa de Mestrado da Universidade Católica Dom Bosco/UCDB, professor Heitor Queiroz de Medeiros, pela sua bondade, paciência e cuidados durante o meu estudo no programa de Pós-Graduação.

Por fim agradeço mais uma vez aos professores do PPGE/UCDB: Heitor Queiroz de Medeiros, Adir Casaro Nascimento e Carlos Magno Naglis Vieira e a Professora Beatriz dos Santos Landa, da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, por ter participado na qualificação geral da dissertação e contribuído nas observações e sugestões para a conclusão do trabalho e por fim na defesa da pesquisa.

RODRIGUES, Eliezer Martins. *A CRIANÇA GUARANI ÑANDEVA NA TEKOKHA PORTO LINDO/JAPORÃ-MS*. Campo Grande, 2018. p. 64. Dissertação de Mestrado em Educação – Universidade Católica Dom Bosco/UCDB.

RESUMO

Esta dissertação de mestrado está vinculada à Linha de Pesquisa Diversidade Cultural e Educação Indígena e ao Grupo de Pesquisa Educação e Interculturalidade, do Programa de Pós-Graduação em Educação – Mestrado e Doutorado da Universidade Católica Dom Bosco/UCDB. A pesquisa tem como objetivo geral: Identificar o processo de aprendizagem das crianças Guarani do tekoha Porto Lindo, município de Japorã/MS, antes da escolarização, e como objetivos específicos: a). Verificar quais os ensinamentos que as crianças Guarani do tekoha Porto Lindo aprendem antes da escolarização e trazem consigo para a escola, b). Observar e apresentar as brincadeiras das crianças Guarani do tekoha Porto Lindo, município de Japorã/MS antes da escolarização. O estudo busca uma perspectiva acadêmica voltada para a ‘criança indígena’ do Povo Guarani. Para realizar a pesquisa de mestrado, em andamento, partimos do pressuposto de que para se pensar na educação escolar indígena diferenciada é preciso conhecer como os povos indígenas concebem a infância e desenvolvem os processos próprios de ensino e aprendizagem na família. Para realização deste trabalho é necessário fazermos um estudo de etnográfico (observação, conversas e experiências enquanto professor) de nos mesmos, refletindo a forma que educamos e cuidamos das nossas crianças no contexto familiar e da comunidade. A realização deste estudo será importante para organização do projeto político pedagógico (PPP) de educação infantil para escola indígena da Tekoha Porto Lindo. Com isso poderemos evitar equívocos na educação escolar das nossas crianças.

Palavras - chave: Criança indígena; Povo GuaraniNhandeva; Tekoha Porto Lindo.

RODRIGUES, Eliezer Martins. THE CHILD GUARANI ÑANDEVA IN TEKOKHA PORTO LINDO / JAPORÃ-MS. Campo Grande, 2018. p.64 Master's Dissertation in Education - Don Bosco Catholic University / UCDB.

ABSTRACT

This dissertation is linked to the Cultural Diversity and Indigenous Education Research Line and to the Education and Intercultural Research Group of the Postgraduate Program in Education - Master and Doctorate of the Catholic University of Don Bosco / UCDB. The research aims to: Identify the learning process of Guarani children from tekoha Porto Lindo, municipality of Japorã / MS, before schooling, and as specific objectives: a). Check what the teachings that the Guarani children of tekoha Porto Lindo learn before schooling and bring with them to school, b). Observe and present the banter of the Guarani children of tekoha Porto Lindo, municipality of Japorã / MS before schooling. The study seeks an academic perspective focused on the 'indigenous child' of the Guarani People. In order to carry out the current master's research, we assume that in order to think about differentiated indigenous school education, it is necessary to know how indigenous peoples conceive childhood and develop their own processes of teaching and learning in the family. To carry out this work it is necessary to make a study of ethnographic (observation, conversations and experiences as a teacher) of them, reflecting the way we educate and take care of our children in the context of family and community. The accomplishment of this study will be important for the organization of the pedagogical political project (PPP) of early childhood education for Tekoha Porto Lindo indigenous school. With this we can avoid misunderstandings in our children's school education.

Key - words: Indigenous children; Guarani Nhandeva people; Tekoha Porto Lindo.

LISTA DE SIGLAS

CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

CIMI – Conselho Indigenista Missionário

EJA – Educação de Jovens e Adultos

FUNASA – Fundação Nacional de Saúde

FUNAI – Fundação Nacional do Índio

FUNDECT – Fundação de Apoio ao Desenvolvimento do Ensino, Ciência e Tecnologia do Estado de Mato Grosso do Sul

OBEDUC – Observatório da Educação

PPGE – Programa de Pós-Graduação em Educação

RCNEI - Referencial Curricular Nacional para Escolas Indígenas

SPI – Serviço de Proteção ao Índio

UCDB – Universidade Católica Dom Bosco

UEMS – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul

UFGD – Universidade Federal da Grande Dourados

LISTA DE FIGURAS

IMAGEM 1 - Trabalhador indígena no corte da erva mate

IMAGEM 2 – Mapa do Tekoha Porto Lindo e Yvy Katu

IMAGEM 3 — Localização dos córregos e rio que limitam a área Guarani e Kaiowá do município de Japorã - MS.

IMAGEM 04 – Lugar especial onde o rezador recebe o nome e realiza a entrega desse nome. Aldeia Porto Lindo/Japorã-MS.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO DA PESQUISA	p. 12
CAPÍTULO 1 – ENCONTROS E DESENCONTROS DE UM INDÍGENA GUARANI ÑANDEVA NA PÓS-GRADUAÇÃO: memórias, trajetórias e a pesquisa	
1.1. Eliezer Martins Rodrigues: história e memória de um guarani ñandeva.....	p . 15
1.2. Os caminhos percorridos na UCDB e permanência na sala de aula do mestrado	p. 39
1.3. Um pouco mais de minha trajetória e o interesse de pesquisar criança Guarani Ñandeva	p .43
CAPÍTULO 2 – A CRIANÇA GUARANI ÑANDEVA NO TEKOKHA PORTO LINDO/JAPORÃ-MS: antes da escolarização	
2.1. O tekoha Porto Lindo/Japorã-MS e o território Yvy Katu.....	p 49
2.2. A criança indígena Guarani na Tekoha Porto Lindo/Japorã-MS e os primeiros momentos de ensinar.....	p 53
2.3. As brincadeiras das crianças indígenas Guarani na Tekoha Porto Lindo/Japorã-MS antes da escola.....	p 61
REFERÊNCIAS	p. 64

INTRODUÇÃO DA PESQUISA

O trabalho de pesquisa “A CRIANÇA GUARANI ÑANDEVA NA TEKOKHA PORTO LINDO/JAPORÃ-MS” desenvolvido no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Católica Dom Bosco/UCDB, junto com os meus parentes do tekoha Porto Lindo/ Japorã - MS e com auxílio do meu orientador foi realizado na linha de pesquisa Diversidade Cultural e Educação Indígena, no Grupo de Pesquisa Educação e Interculturalidade e contou primeiramente com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior/CAPES por meio do Programa Observatório da Educação/Educação Escolar Indígena, coordenado pela professora Dra. Adir Casaro Nascimento. O programa do Obeduc/CAPES me auxiliou durante o ano de 2016, meu primeiro ano no PPGE, com um bolsa de mestrado junto ao projeto de pesquisa FORMAÇÃO DE PROFESSORES INDÍGENAS GUARANI E KAIOWÁ EM MATO GROSSO DO SUL: relações entre territorialidade, processos próprios de aprendizagem e educação escolar.

O projeto do Observatório da Educação/Educação Escolar Indígena/Núcleo UCDB, aprovado em 2012, tem como instituições parceiras a Universidade Federal de Mato Grosso do Sul/UFMS, a Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul/UEMS e a Universidade Federal da Grande Dourados/UGD. A proposta do Obeduc é a formação de pesquisadores indígenas em cursos de licenciaturas específicas e interculturais, em programas de pós-graduação no nível de mestrado e doutorado e a formação continuada e específica de professores indígenas nas escolas das comunidades.

No segundo ano do mestrado, com o fim do programa Observatório da Educação, em 2017, tive a felicidade de ser aprovado no Edital 05/2016 – Mestrado da Fundação de Apoio ao Desenvolvimento do Ensino, Ciência e Tecnologia do Estado de Mato Grosso do Sul/FUNDECT.para uma bolsa de estudo. Com essa bolsa da

FUNDECT/MS pude dar continuidade a pesquisa e caminhar um pouco mais com os meus parentes junto ao projeto do mestrado.

Entendo o trabalho do mestrado como projeto, apesar da pesquisa já desenvolvida, pois ainda estarei desenvolvendo ela no tekoha Porto Lindo/ Japorã – MS junto com o meu povo Guarani Ñandeva e as crianças do território. Depois que cumpri as exigências do PPGE/UCDB e a minha palavra com o meu orientador percebo que muito preciso fazer. Voltar a conversar, procurar melhor alguns dados e mais tempo para realizar o trabalho.

Partindo de uma perspectiva acadêmica, o estudo está voltado para a ‘criança indígena’ do povo Guarani Ñandeva, do tekoha Porto Lindo/ Japorã - MS. Nesse sentido, a metodologia da pesquisa busca ouvir as famílias da minha comunidade para saber como elas pensam a educação das crianças na perspectiva da nossa cultura e identidade. Também quero observar as crianças Guarani Ñandeva no seu dia-a-dia, além do espaço da escolar. Não será uma tarefa fácil, porém fundamental para a realização desse trabalho.

Escutar, brincar, circular, caminhar e conversar com as crianças do Tekoha Porto Lindo/Japorã – MS foi caminhos que desenvolvi e ainda desenvolvo na minha trajetória como pesquisador na aldeia e professor da Educação Infantil na escola indígena. Assim como meu orientador no seu trabalho de doutorado, “entendo a pesquisa como uma árvore que precisa ser irrigada e cuidada dia a dia para produzir bons frutos” (VIEIRA, 2015, p. 75). Desejo que a minha pesquisa possa ajudar o meu povo e outros pesquisadores no trabalho com crianças. Em outras palavras, quero que ela renda bons frutos.

Também como membro e professor da comunidade, entendo que será uma oportunidade de ouvir as famílias, os rezadores e refletir sobre as formas que cuidamos e educamos nossas crianças. Enquanto intelectual indígena, penso que esse ainda não foi finalizado, pois ele está/estará sempre sendo pensando por nós professores indígenas do Tekoha Porto Lindo/Japorã - MS. A pesquisa é apenas uma primeira organização das ideias para auxiliar nos processos próprios de aprendizagem da Educação Infantil Guarani Nhandeva de Porto Lindo/MS.

Nessa perspectiva a pesquisa de mestrado tem como objetivo geral: Identificar o processo de aprendizagem das crianças Guarani do tekoha Porto Lindo, município de Japorã/MS, antes da escolarização, e como objetivos específicos: a) Observar/identificar

quais os ensinamentos que as crianças Guarani do tekoha Porto Lindo aprendem antes da escolarização, b) Observar e apresentar as brincadeiras das crianças Guarani do tekoha Porto Lindo, município de Japorã/MS antes da escolarização.

CAPÍTULO 1

ENCONTROS E DESENCONTROS DE UM INDÍGENA GUARANI ÑANDEVA NA PÓS-GRADUAÇÃO: memórias, trajetórias e a pesquisa

1.1. Eliezer Martins Rodrigues: história e memória de guarani ñandeva

Meu nome é Eliezer Martins Rodrigues, sou da etnia Guarani, nascido e criado na aldeia indígena Porto Lindo, município de Japorã¹, estado de Mato Grosso do Sul. Fui criado desde o nascimento com os meus pais: Elias Martins e Aparecida Rodrigues.

A educação que recebi foi de acordo com os princípios fundamentais através da cosmologia “guarani ñandeva”. Tive a liberdade permitida para aprender a fazer/praticar o que os adultos transmitem através das práticas material e espiritual com o jeito próprio da educação Guarani: ouvir e esperar o tempo do outro, ser solidário e ter espírito de reciprocidade. Transitando desde pequeno em vários afazeres, fui observando os entornos, de escutar o som das matas, dos rios, os cantos de pássaros e dos animais, na perspectiva de adquirir autonomia de sobrevivência *cheretia'eháche guapo hagua*².

Meu avô se chamava Aniano Martins, ele veio da região de Laguna Heta atual município de Amambai. Trabalhou por muito tempo na retirada de ervas na região do sul de Mato Grosso do Sul. De acordo com os relatos dele foi nesse período que meus avôs se conheceram. Minha avó, ainda jovem, a dona Eunice Martins “Nha Remicia”, se encontrou com o senhor Aniano e se casaram. Minha Avó vinha do Tekoha Yvyra Rovana, região do Alto Paraná departamento de Canindeju – Paraguai. Viveram juntos

¹Japorã fica entre os municípios de Mundo Novo e Iguatemi, todos em Mato Grosso do Sul. Atualmente a gestão municipal é coordenada pelo prefeito Vanderlei Bispo.

²Um menino Guarani Ñandeva forte com bom ânimo para o trabalho e acordar cedo.

na região de Laguna Heta decidindo-se mudar para perto do rio Iguatemi, na Fazenda Jatai - Município de Iguatemi - MS. O lugar era conhecido de *Chikilinkue*, um espaço onde morava o Chikilin (capataz paraguaio que cuidava da retirada da erva). Juntos tiveram três filhos: Atovo Martins (*in memoriam*), Vitoria Martins e Elias Martins. Após o meu avô ser assassinado, por volta de 1940, pelos cortadores de ervas na mesma região onde trabalhava, minha avó ficou viúva por 10 anos. Segundo conta a minha avó, a morte do Aniano, meu avô, ocorreu porque ele queria se separar dos empreiteiros paraguaios e dar continuidade ao trabalho sozinho. Ela também menciona que ele sabia fazer muito bem o barbacuá³ e dominava as técnicas de retirada das ervas do mato e a negociação com o patrão.

Enquanto isso quem trabalhava era o meu tio mais velho conhecido como Atovo. Minha avó se casou após 10 anos da morte de meu avô e mudou-se para a região do Pyendy que ficava mais próximo do rio Iguatemi. Pyendy era conhecido como Porto Karuvai. Eduardo Dias Martins “Karaí Moço” tornou-se seu segundo companheiro.

Dona Eunice Martins, “Nha Remicia”, era rezadora que se dedicava muito a cultura Guarani e dava muita atenção a qualquer pessoa, respeitava, orientava, cuidava e tinha muita paciência, mesmo para atender as pessoas não indígenas. Enquanto criança, morei um tempo com a minha avó, que várias pessoas a procuravam, inclusive do Paraguai. Essas pessoas buscavam orientação para preparos de remédios e o uso de remédios tradicionais e, também para conhecê-la. Outros traziam panelas e/ou roupas para presentear – lá. Aproveitavam para ver de perto os preparos de remédios, e quais folhas e raízes minha avó utilizava, e também para verificar de onde ela buscava as plantas. Minha avó aproveitava para ir ensinando as pessoas.

Algumas pessoas doentes, a pedido dela, tinham que ficar na casa dela uma semana ou mais para tratamento. O tempo de estadia dependia muito do tipo de doença. Durante o tratamento, o paciente aprendia sobre as plantas utilizadas, seus nomes, além do preparo dos remédios. Era assim que minha avó permitia que essas pessoas fossem conhecendo os seus remédios.

No momento de ela rezar pelo paciente, ela também ensinava e repassava os mitos para a pessoa. Ela ensinava também as mulheres para terem alguns cuidados com a saúde e não comer alguns tipos de carne crua de qualquer animal silvestre (A criança

³Era tipo uma “caixa” de madeira que colocava a erva para secar e depois ensacar. Nela era possível carregar entre 10 arrobas (equivalente a 150 quilos de erva).

ao nascer corre o risco de pegar a doença *Tarova* ou *Mar/Epilepsia*). Minha avó, Dona Eunice, após a reza e o cuidado com as pessoas pedia para elas repassar aos demais colegas o que ouviram. Cada ensinamento tinha sua hora certa, por isso, não faltava visitantes na casa dela.

O mito que minha avó ensinava e repassava falava sobre *Ñande Ypy* que é a raiz de toda a educação Guarani. No mito encontra-se todos os processos próprios de aprendizagem anterior à escola, a metodologia tradicional. Os problemas são os desafios para encarar a vida, através do mito também à um fortalecimento da identidade do povo Guarani.

O mito é o ponto de partida para todo o ensino e principalmente para as crianças, no qual se articulam as outras fontes de saber, todas as ciências Guarani Nhandeva (matemática, história, línguas, ciências naturais) que servem para explicar a origem e a organização do mundo e da vida

A reza dela sempre era de acordo com o sonho. Ela ensinava as pessoas conforme o mito Guarani. Ela acreditava que a sabedoria que ela recebia vinha do Tupã Nhanderu que significa Deus todo poderoso. Era por meio do sonho que minha avó era orientada a preparar o remédio. O sonho lhe permitia encontrar as plantas medicinais.

O sonho para os Guarani Nhandeva da aldeia Porto Lindo é uma forma de receber proteção para sua vida através do Tupa Nhanderu (Deus todo poderoso). A família Guarani Nhandeva de Porto Lindo acredita muito que o sonho é sagrado, por exemplo, se dentro de uma família alguém sonha ter uma cobra no meio significa ter uma ameaça para a família por parte de outra pessoa que mora na aldeia ou de fora da aldeia. Também é uma forma de ensinamento para as famílias, os membros da família se comunicam e todos ficam de certa forma tendo cuidado pelo aviso de quem sonhou com a cobra.

A importância do sonho para a família Guarani Nhandeva de Porto Lindo é uma relação de geração para geração e até hoje o sonho é comunicado dentro da aldeia, principalmente para os rezadores, pois se a pessoa tem a dúvida sobre o significado do sonho o rezador faz a reza para explicar o sonho, dessa forma a família se comunica através do sonho que desperta sentimentos tanto de tristeza quanto de alegria, dependendo do significado dado pelo rezador. O sonho tem essa forma de transmissão do saber do rezador e a pessoa acredita nesse saber transmitido através do sentido dado ao sonho.

Vivendo e ensinando, ela conseguia com que as pessoas dessem valor a reza, aos artesanatos, as danças, ao mito, a casa de reza, aos rezadores, aos mais velhos e as crianças, enfim ao povo Guarani. Em 2008, minha avó começou a adoecer e, no ano seguinte com 105 anos de idade faleceu. Meu pai, Elias Martins, desde pequeno acompanhava minha avó e morou com ela até os 16 anos (dezesesseis) de idade.

No Porto Karuvai, meu pai já com 13 anos (treze) de idade trabalhava como passeiro. Passeiro era a pessoa que tinha uma canoa e atendia gente que passava do outro lado do rio Iguatemi. Ele contava que naquela época era muito difícil a situação e o serviço era muito puxado. Ele trabalhava de dia e de noite, com chuva ou sem chuva, no frio e com fome. Para ele não tinha domingo, ninguém descansava e nem dormia bem. Por isso o nome de Porto Karuvai que significa: miséria, fome.

No Porto Karuvaichegavam pessoas de vários lugares, inclusive do Paraguai. Essas pessoas viam a procura de changas (serviço) ou direto para acampar na região. No decorrer do tempo, meu pai já conhecia melhor o Rio Iguatemi e os portos existentes a beira dele. O Porto Karuvai era dos passeiros, principalmente dos índios que moravam na região. Além desse porto havia também: Porto Kurupai, Porto Moreno, Porto Pirai e o Porto Primeiro que ficava perto da fazenda Uirapuru, no município de Sete Quedas/MS.

Durante o tempo que meu pai trabalhou como passeiro, ele relatou que era costume das pessoas darem sal grosso, banha de vaca e feijão de corda. Alguns também chegavam a dar roupas usadas como: camisas e sapatos. Essa era a forma de pagamento. O sal servia para salgar os peixes e outros tipos de carnes de animais e a banha de vaca para fritar os animais.

Meu pai largou a canoa e com o passar do tempo mudou-se para a reserva de Jakarey. Jakarey era chamada a aldeia Porto Lindo. Nessa região da aldeia, ele passou a trabalhar na retirada de ervas e continuava e sempre trabalhando muito. Ele ia para trabalhar na retirada de ervas nas fazendas do município de Iguatemi. Durante a retirada de ervas, meu pai foi aprendendo as formas de trabalhar, as técnicas e os costumes. Os companheiros dele ensinavam a ele como ser um bom *ka'atysero*, homem que sabe tudo sobre as técnicas de retirada de ervas do mato. Um de seus companheiros que mais buscava ensinar meu pai sobre a retirada de ervas era o senhor Papito Inocêncio Samaniego.

No acampamento, era costume as pessoas levantarem as 1:00 (uma hora) da manhã, ou seja, de madrugada, pois o capataz já vinha passando de barraco em barraco. Então cada grupo já se preparava para ir ao mato retirar as ervas. O capataz não queria saber de nada se o cortador de ervas estava doente ou machucado. Para ele, o capataz, as pessoas tinham que levantar pegar as ferramentas utilizadas na retirada da erva e se encaminhar para o mato.

A primeira retirada de erva a turma chamava de *tini* que significa: a primeira carga de manhã sem comer nada. A segunda carga era chamada de *tovamokoi* que significava que o cortador de ervas já estava com fome, mas precisava continuar o trabalho e tinha que completar o serviço carregando uma carga de ervas para o barraco, antes do almoço. Meu pai contava que eram os próprios cortadores que preparavam suas comidas. Segundo meu pai eles tinham somente feijão de corda, mandioca e alguns torresmos para comer.

A terceira carga era chamada de *tovapuku* que significa que os cortadores de ervas precisavam voltar para o mato preparando a última carga para trazer ao barraco. A carga de ervas era trazida no ombro do cortador.



IMAGEM 1 - Trabalhador indígena no corte da erva mate

Fonte: <http://profgilbertocantu.blogspot.com.br/2013/05/>

No decorrer do serviço o meu pai aprendeu com o senhor “Papito” às técnicas de levantar as cargas de ervas do chão ao ombro. Em primeiro momento meu pai conseguia levantar 5 arrobas, que equivale a 50 quilos de ervas. Quando já estava costumado, ele disse que conseguia levantar 25 arrobas que equivale a 250 quilos de ervas. Trabalhou assim até aos 30 anos de idades. Após trabalhar duro na retirada de ervas, ele resolveu se mudar mais para dentro da aldeia, onde encontrou a Dona Aparecida Rodrigues e se casaram.

Uma pausa para uma conversa com o senhor Sabino Dias sobre a Companhia Matte Larangeira

O trabalho com a erva era realizado junto a Companhia Matte Larangeira. De acordo com o historiador Antônio Brand (2011) a Companhia instalou-se em todo o território dos Guarani e Kaiowá no Mato Grosso do Sul, em nossa terra indígena aconteceu também.

Brand (2011) escreve que

A Companhia, embora não questionasse a posse da terra ocupada pelos e nem fixasse colonos definitivamente em suas terras, foi responsável pelo deslocamento de inúmeras famílias e núcleos populacionais, tendo em vista a colheita em novos e por vezes distantes ervais. Interferiu menos, ao que parece, na estrutura social interna dos Guarani e Kaiowá (p. 115).

Em conversa realizada com o senhor Sabino Dias ele informou que havia índios Guarani Nhandeva da região de Porto Lindo trabalhando em vários setores da Companhia, mais precisamente na retirada de ervas.

O trabalho exercido na Matte Larangeira, de acordo com o seu Sabino Dias ocorreu por volta dos anos de 1925 até 1940. Nesse período os Guarani Nhandeva realizavam trabalhos na lancha (a lancha era uma máquina que transportava ervas de Porto Novo até o Rio Paraná). Nessa lancha os parentes tinham que cuidar de cargas, realizar a comida (cozinheiro) e cuidar do carregamento na lancha para não ter estragos. Eram um total de doze pessoas trabalhando de dia e de noite, todas sobre a supervisão de um guarda paraguaio.

Outro setor era o *barbacuá*. Barbacuá era feito de madeira no mato pelos cortadores, seria o lugar onde carregava ervas para secar. Quem fazia o barbacuá eram os próprios parentes indígenas, que ali secavam, ensacavam a erva e depois era retirada no ombro pelo carreador, também um parente indígena Guarani. Também encontrávamos parente Guarani trabalhando nos portos. Conforme conversa com o senhor Sabino Dias existiam quatro portos que os indígenas Guarani trabalhavam: o Porto Lindo onde o carregamento de erva era embarcado, o Porto Moreno e o Porto Novo que recebia e embarcava as ervas ensacadas e o Porto Karuvaí local por onde entrava e saía pessoas vindo de vários lugares.

Seu Sabino declarou que a maioria dos parentes indígenas trabalhavam de dia e de noite com chuva ou sem chuva nos portos. No Porto Lindo tinha índios que carregavam os sacos de ervas no ombro até a lancha (a lancha carregava até 3 mil quilos

de erva já ensacada), também tinha aqueles parentes que somente abria os caminhos ou a picada para a retirada de ervas do mato e outros que cuidavam do fogo para não deixar a erva queimar no barbacuá de dia e de noite. Conforme podemos perceber o serviço não parava nem no mato e nem no barbacuá, o ensacamento de ervas era realizado o tempo todo.

Na conversa com o senhor Sabino Dias, ele mencionou que em um determinado dia aconteceu um acidente no Porto Novo, devido às fortes chuvas o que provocou o crescente volume de água no rio Iguatemi. De acordo com o senhor Sabino Dias o capataz paraguaio não pediu para os parentes indígenas parar o serviço de carregamento e ensacamento das ervas na lancha. Segundo ele a lancha era amarrada somente em um cabo de aço e o cabo arrebentou, afundou com todos os trabalhadores indígenas num total de 12 índios Guarani.

Sabino Dias informou que essa tragédia aconteceu por volta do ano de 1930 a 1940, tempo em que era ainda criança. Hoje com 70 anos de idade e morando na retomada Yvy Katu lembra muito bem o que aconteceu principalmente que a partir desse acontecimento acabou o Porto Novo. Segundo ele a luta para a retirada da erva mate era cruel, pois percebia o sofrimento e a resistência dos parentes indígenas Guarani. Durante a conversa, ele falou que naquele período aprendeu a fazer o *karicho* e não mais esqueceu.

O *karicho* é um lugar onde se coloca uma pequena quantidade de ervas para secar. É feito de madeira e cipós. Durante a conversa o senhor Sabino Dias se emocionou ao se lembrar dos parentes que trabalhavam na retirada de ervas, pois o sofrimento era tanto no carregamento, na alimentação, no barbacuá, no mato, ou seja, no dia a dia. Não havia feriado, sábado, domingo e nem remédio para os dias de doenças.

Continuando a minha história após o casamento de meus pais

Meu pai construiu uma casa perto do YÚ uma nascente que está até hoje na aldeia. No batismo de casamento a minha mãe Aparecida Rodrigues, recebeu o nome indígena de Kunha Tukambi=Kunha =mulher, Tuka= pássaro, Mbi=brilho e muitas cores. Meu pai Elias Martins, recebeu o nome de Ava Ara Guyra=pássaro do céu.

De acordo com meu pai, na aldeia Porto Lindo existiam poucas famílias naquela época, eram somente 8(oito) no total. O meu pai construiu uma casa perto da

sogra dele D. Juliana Rodrigues e seu Vicente Rivarola, sogro do meu pai. Foi aqui onde nasceram meus irmãos, minhas irmãs e eu. Seus nomes são: André Martins (*in memoriam*), Isaias Martins, Gerson Martins, Samuel Martins, Germano Martins, Felícia Martins (*in memoriam*), Edleia Martins e Edna Martins.

Desde pequeno acompanhei os afazeres do meu pai e da minha mãe. Meu nome em Guarani é Ava Tendota que significa sempre em frente aos desafios, conforme o rezador senhor Carlos de Souza. O nome Eliezer recebi na igreja Presbiteriana do Brasil pelo missionário reverendo Benedito Troques.

Quando eu tinha 06 anos (seis) de idade, meu pai levou-me para matricular na 1ª série na escola da Missão Evangélica Caiuá em Porto Lindo. A minha professora foi uma missioneira D. Celice. Ela alfabetizava na Língua Portuguesa e, passei a ter muitas dificuldades. Naquela época, eu era um menino muito extrovertido, gostava de brincar e a professora Celice era muito exigente e gostava de silêncio durante a aula toda. Na minha sala tinha família de sítiantes. Em alguns momentos eu xingava alguns colegas em Guarani e a professora me castigava por isso. Os castigos eram dados em forma de puxões de orelha, “régua” na cabeça e se chegasse a brigar com meus colegas o castigo era ficar de joelho em cima de tampinha de garrafa por dez minutos. Como gostava de brincar e também era teimoso, passei por todos esses castigos na escola.

Na 1ª série fui aprovado com notas baixas. Eu faltava muito e por esse motivo, eu era castigado quase todos os dias, principalmente, com régua ou uma puxada de orelhas. No segundo ano, com 7 anos de idade na mesma escola, continuei estudando com a professora D. Celice, onde fui melhorando o meu comportamento em casa e na sala de aula, principalmente com a minha professora. Busquei participar das atividades, mas continuava a brincar nas estradas e, era onde eu perdia o meu lápis, a borracha e os cadernos rasgavam. Por esse motivo, a professora chamava minha mãe e pedia que eu cuidasse dos meus cadernos e em casa o meu pai chamava a minha atenção. Assim fui aprovado conseguindo notas boas. No 3º ano, meu pai renovou a minha matrícula na mesma escola, e com 8(oito) anos de idade eu já conseguia falar e escrever um pouco em português. No final da 3ª série fui dominando/entendendo/compreendendo a leitura e a Língua Portuguesa.

Melhorei tanto nas atividades como no comportamento, pois os meus pais frequentavam a igreja na missão e naquela época tinha a aula de ensino religioso e, as

quartas feiras, todas as turmas tinham que ir à igreja para ouvir história, leitura de versículos e cantar hinos.

As brincadeiras, eu continuava na estrada e por isso chegava muito tarde em casa, mas eu fazia de tudo para não perder os materiais. Desde o início eu tinha dificuldades na disciplina de matemática, mesmo assim, consegui passar para o 4º ano. No 4º ano permaneci nesta escola com a professora D. Celice e, com os castigos. Mas não parava de brincar nas estradas, pois a maioria dos meus colegas eram vizinhos e da mesma turma.

A professora costumava passar como atividades para fazer em casa, leituras e cópias de textos. Na sala de aula, passava ditado de palavras e eu me esforçava, pois ela já antecipava que se fosse aprovado para o 5º ano, eu iria para a cidade de Dourados estudar. Durante as aulas fui cumprindo todas as atividades desenvolvidas pela professora Celice. Encerrou o ano e os meus pais foram chamados e informados de que eu havia sido aprovado, passando para a 5ª série.

Para continuar estudando, eu tinha que ir para a escola interna. Os meus pais se preocupavam comigo, pois eu ainda era muito pequeno e brincava muito. No entanto, a maior dificuldade para os meus pais estava na questão financeiro. Meu pai trabalhava na roça e nas changas no Paraguai ou nos contratos de serviço nas fazendas, apenas assim conseguia algum dinheiro. Meu nome foi encaminhado e, enquanto isso fiquei esperando a chamada. Após anos de espera a turma ao qual eu iria estudar foi completada.

O capitão Carlos Vilhalva chamou o meu pai e explicou como seria a trajetória. O carro era uma Mercedes Bens azul que tinha na aldeia. Naquela época, esse carro passaria de aldeia por aldeia pegando os estudantes. A comunicação seria pelo correio ou através da Fundação Nacional do Índio/FUNAI. As férias seriam somente em julho e no final do ano, cada aluno voltaria para aldeia.

No acampamento (casa onde todos os estudantes ficavam), foi muito difícil, pois eu tinha saudades da minha família, dos meus colegas, da comida de casa, da aldeia, das brincadeiras de estrada, das frutas do mato e banhos de cachoeira. Outra dificuldade estava na quantidade de disciplinas e nos professores (as).

O acampamento ficava dentro da Missão Evangélica Caiuá e a escola tinha bastante casas. Com isso, eu ia pedir serviço para o vizinho. Alguns dias eu conseguia e com isso ganhava alguns trocados e logo escrevia uma carta para a minha família. A

carta que enviava aos meus pais era entregue através do missionário reverendo Troquez. Ele ia a cada 15 dias nas aldeias, principalmente, em Sassoró e na aldeia Porto Lindo.

Em 1987 eu já estava estudando na Escola Municipal Francisco Meireles em Dourados/MS, cursando a 5ª série. No início, tive dificuldades em função de ficar brincando muito durante o ano e, por isso não me esforcei nos meus estudos e acabei reprovando. Voltei na aldeia sem passar de ano então tive que começar tudo de novo. Durante as férias, fiquei em casa com a família e como eu tinha reprovado somente renovei a minha matrícula para continuar estudando.

Em 1988 voltei a cursar a 5ª série e comecei a melhorar meu comportamento, e os estudos foram ficando mais fáceis, pois acompanhava bem todas as matérias. Gostava muito da disciplina de culturas regionais. Enfim, me empenhava nas tarefas e nos trabalhos de grupos. No decorrer do ano quando já estava finalizando o ano, passei por dois momentos muito tristes e difíceis. O primeiro momento foi que recebi uma carta escrita pelo meu irmão André Martins já falecido e na carta me contou que os meus pais haviam se separado. Minha mãe estava sozinha em casa e o meu pai tinha saído de casa e foi embora trabalhar na fazenda perto do Tacuru/MS.

O segundo momento aconteceu no acampamento com dois dos nossos colegas, eles estavam brincando e um deles pegou o cobertor do outro e jogou por cima do telhado da casa e ao subir para pegar de volta o cobertor, o colega caiu do telhado então a FUNAI foi comunicada. O reverendo Benjamim e a D. Margarida chegou a ir ao acampamento dizendo que fechariam, pois a maioria dos pais estava reclamando desta situação.

Voltei para a aldeia e encontrei a minha mãe que estava sozinha me esperando. A família estava separada, meu pai havia ido embora para fazenda na região de Tacuru/MS e os meus irmãos, mais velhos haviam ido trabalhar nas fazendas da região. Apenas Edleia e o Germano estavam com a minha mãe. Como forma de sobrevivência, pois ainda não era aposentada, minha mãe passou a lavar roupas para os vizinhos e, eu para ajudar, passei a capinar a roça de alguns parentes indígenas.

Certo dia um amigo Justino Vilhalva chegou em nossa casa dizendo que precisava de cozinheira para ir na fazenda e dizia que pagaria em forma de diárias caso minha mãe aceitasse o emprego e eu trabalharia na roçada também recebendo diárias. Aceitamos o emprego e fomos para a fazenda Tolardo, município de Eldorado/MS.

No decorrer do tempo eu fui morar na casa da minha avó Nha Remicia. Naquela época a maioria dos sítiantes plantavam algodão e milho perto da aldeia. Trabalhei como “boi fria” catando algodão. Chegava a colher 4 ou 5 arrobas sendo que 4 arrobas equivalem 60 quilos e 5 arrobas equivalem 90 quilos. Quando acabava a colheita de algodão eu carpia o milharal para não ficar parado.

Um dia o meu primo Célio Dario Fernandes e eu resolvemos ir ao Paraguai a procura de serviço na cidade de La Paloma. Logo, um paraguaio informou que havia serviço de roçada de mato na Estância Americana. O dono da fazenda estava mesmo procurando gente para roçar mato. Eu não imaginava que iria ficar durante dois anos naquele lugar, mas fiquei.

O paraguaio dono da fazenda era conhecido como Ajala Lekaja e ele queria registrar eu como filho dele eu ia aceitar, mas aconteceu um acidente comigo no mato. Uma taquarinha acertou meu olho esquerdo e tive que ser encaminhado ao Hospital de La Paloma. Recebi duas semanas de atestado e resolvi voltar para a aldeia.

Quando retornei à aldeia continuei morando com a minha avó. No momento em que recebia o seu salário eu ficava cerca de uma semana tirando água do poço para ela. À noite, ela contava histórias sobre o papel de alguns pássaros. Uma dessas histórias era sobre o pássaro kusua, nome em Guarani. Este pássaro tem a característica de coriango. De acordo D. Eunice “nha Remicia”, o pássaro vem de muito longe e geralmente vem na época da plantação de milho. Ele visita cada roça e tem a ligação com a planta. Minha avó dizia que esse pássaro tem uma tarefa a fazer, principalmente na espiga do milho. Quando aparecia ele realiza toda a sua tarefa em cada roça, assim, após cumprir sua tarefa ele voltava para o lugar de onde ele veio, ou seja, de muito longe.

Esse pássaro quando vem e passa em cada roça e um bom sinal para o plantio e, se o pássaro kusua não vir olhar o milho é o sinal de que a produção do milho vai ser fraca. Ao chegar, o kusua canta e começa a fazer a sua tarefa. Minha avó levantava e imitava o kusua como fazia ele faz na espiga de milho. Até hoje quando ouço o canto desse pássaro eu me lembro da minha avó. Tem anos que ela vem, é um bom sinal. Tem momentos que eu falo do pássaro para os meus filhos e a maioria de nova geração não conhece a importância da vinda do pássaro, principalmente as crianças Guarani de Porto Lindo.

Em conversa com o senhor Rosalino Ortiz, morador na retomada Yvy Katu, a comunidade de Porto Lindo desconhecem a importância desses pássaros na cultura do nosso povo. Segundo ele, as crianças Guarani e até mesmo os adultos não sabem que pássaros como beija flor, tucano, papagaio, nambu, João de barro, jacutinga, seriema e mãe da lua são animais que vem sendo conhecido como *nhandeypy* (a raiz de toda a educação).

A partir de seus ensinamentos, também consigo compreender que o *nhandeypyé* a fonte da força Guarani Nhandeva de Porto Lindo e a partir dela que encontramos o consolo, a coragem e a identidade Guarani. Além dessa compreensão, nós Guarani Nhandeva de Porto Lindo entendemos que o *Ypy* é o princípio e a origem da vida para os Guarani e no *ypyesta* a origem, a raiz.

O senhor Rosalino Ortiz durante a conversa mencionou que ele tem um nome que recebeu do senhor rezador Delosanto Centurion (in memoriam). Esse nome corresponde a um pássaro que é *Ava Chirino* (índio, pássaro beija flor). Segundo ele, esse nome recebeu no batizado e por isso sente a firmeza e a força no corpo e no espírito para vencer os desafios, as conquistas e a resistência na família com a sabedoria do *nhandeypy*.

Ainda de acordo com Rosalino Ortiz aqueles que recebem o nome desse pássaro *Ava Chirino* é manifestado no espírito e na natureza o desejo de ouvir as histórias dos rezadores do *nhandeypy* e com isso a família Guarani fica ligadas psicologicamente umas com as outras e sentem –se um povo diferente com a identidade Guarani. Ao final da conversa ele contou um mito do pássaro que é do *nhandeypy* Guarani Nhandeva.

Ymajekooikoaraka-e nhanderu. Oporaheiva e ojerokyva-e há ijaguyjeta. Petei jasyojerokyhikuainhandeva – e ijaguyjehaguaohohaguayvaypyoha-aro tape marangatu. Há nhanderuoguerekomokoitajyrahá hiaremaro tape marangatuojeoihagua yvaypy Nhanderu heiumimokoiitajyrape: tapehopeguerunhandeve y chey-u heieterei há anikependearechake outa hina tape marangatu. Há ohohikuai há hesarainhanderuhe i vaekuegui. Ohohikuaiumikunhataionhembosarai rei há peichahaguiimandu a hikuaipeituanhe –erehe há upepeojapura. Ou hikuaiomanha ramo yvatemalaajupituaumiahá há-ekueraopytayvype há onhembyasy há ndovy-aihikuaihetahase há osapukaiituape há ndaikatuveimaopyhyichupekuera. Nhanderuoporaheivahe-iombyasy iterei itajyrakuerahase revê koagapeepepytataguyra ramo koyvyaripepyta na penenhe-e renduigui. Pepytata Guyra mokoi

koveramo há upeicha opytandohoiyvagape há koagapeve há ekueraonhe –eramohe-i:-mokoikove.

Há muitos e muitos anos atrás aconteceu um grande dia aqui na terra para os Guarani Nhandeva de acordo os rezadores disse o senhor Rosalino Ortiz Avá Tupa Chirino .Todos os rezadores se uniram para uma grande reza durante um mês após a reza todos que estavam na reza iram subir para o céu e esperando essa ida no decorrer da reza o rezador disse para as duas filhas : vocês duas peguem as garrafas estou com muita sede mas não demorem pois a qualquer momento pode chegar o caminho de ida para o céu, mas as duas filhas não ouviram o seu pai o rezador e quando as duas voltaram com a água todos que estavam na reza e os rezadores já estavam subindo para o céu.As duas filhas do rezador ficaram aqui na terra e onde o rezador não sabia o que fazer das suas duas filhas, as filhas do rezador ficaram chorando pedindo implorando para irem mas não tinha mais jeito então o pai que é rezador disse essas duas minhas filhas irão ficar aqui na terra como dois pássaros que hoje é o mokoi kove (pássaros) tipo duas pombinhas inseparáveis e que até hoje é muito conhecido na cultura Guarani Nhandeva De Porto Lindo e durante anos e anos é lembrado pela comunidade aqui na aldeia de acordo com o senhor Rosalino Ortiz aconteceu por motivo de desobediência na fala do rezador ou do seu pai.Por isso essa História é muito lembrado pela comunidade e um ensinamento para todos os Nhandeva De Porto Lindo

Após uma pausa para a conversa com o senhor Rosalino Ortiz, morador na retomada Yvy Katu, retomo a escrita da minha história no momento que volto para a aldeia e encontro os meus irmãos todos trabalhando na empresa de canavial. Vendo isso, fui conversar com o capitão Carlos Vilhalva e me informar quando sairia a outra turma para o trabalho. Ele informou que logo iria sair a turma do cabeçante Lazaro Lopes. Com isso, eu fui na casa do senhor Lazaro e ele apontou o meu nome em uma semana. Recordo que o gerente o senhor Agenor ligou para o cabeçante Lazaro e falou do embarque e o prazo do contrato de trabalho de 45 dias.

A 1ª empresa que eu trabalhei foi na destilaria que fica no município de Rio Brillhante/MS. A maioria da turma com que trabalhei na destilaria já sabia como era o serviço. Como eu ainda não sabia como funcionava, quem me auxiliava diariamente no trabalho era o meu irmão André (*in memoriam*). Ele avisava que o serviço era de acordo com a produção de cada pessoa. Quanto mais se trabalhava, mais se tinha um salário melhor, ou seja, um saldo alto como falavam. Então eu tinha que me esforçar para ter um bom saldo no final do contrato, pois cada pessoa recebia o valor do seu saldo na mesa do capitão acompanhado do cabeçante e do gerente.

Trabalhando nesta destilaria, aprendi como era feita a medição de corte de cana, o plantio, o uso correto de facão na corte de cana crua e na queimada. Durante o serviço ou no tempo livre eu me aproximava muito dos companheiros mais velhos que estavam trabalhando comigo e perguntava sobre os remédios, ouvia contos, buscava acompanhar as armadilhas feitas pelos coletores também frequentava o campo e conhecia de perto as plantas, os pássaros e as frutas do campo.

A segunda empresa onde trabalhei foi na Destilaria de Nova Andradina - MS. Ela era conhecida como usina Xavante onde o responsável pela turma era o meu primo Lauro Vilhalva. Ele sempre me orientava sobre o jeito de trabalhar com a turma e com a empresa. Caso alguém chegasse a adoecer era necessário comunicar o fiscal. Com essa empresa, busquei cumprir as regras durante o contrato e, no decorrer do ano o fiscal foi se aproximando da minha pessoa.

No próximo contrato o fiscal me pediu que o ajudasse a medir a cana derrubada. Para isso, ele me ensinou a medir e logo aprendi. Após sua saída, assumi seu cargo na medição e nas metragens de cana para a turma. Durante todo o ano, trabalhei como auxiliar da turma. Media da forma que o fiscal me ensinou somente pedia para eu não estourar as metragens que o talhão de roça tinha. Cada talhão tinha quantidade de metro eu não podia ultrapassar na medição. Nesta empresa, trabalhei durante dois anos.

A 3ª empresa onde trabalhei foi na Nova Alvorada do Sul - MS. O lugar onde a turma de Porto Lindo ficava era muito longe de água então ficava difícil de tomar banho, por esse motivo cumpri somente um contrato de 60 dias. Eu queria conhecer outra empresa então fui na Destilaria M R no município de Maracaju -MS. O responsável pela turma era o senhor Rosalino Ortiz. Nesta destilaria comecei trabalhando no corte de cana queimada e acabei ficando doente. Não cumpri nem o prazo de 60 dias, passei mal e resolvi voltar para a aldeia.

Durante três meses fiquei parado. Minha avó cuidava de mim e dos sintomas que tive em função do trabalho na destilaria M R. Tomava remédios que ela preparava e me recuperei a força, pois as empresas não paravam de puxar turmas de todas as aldeias. Voltei a trabalhar na Usina de Naviraí - MS. O responsável pela turma era o senhor Justino Vilhalva. O prazo máximo era de 45 dias. Trabalhei durante todas as safras. O gerente oferecia prêmio para os melhores cortadores de cana durante o ano e eu caprichava, mesmo assim, não conseguia ganhar.

Naquela época muitos dos meus colegas já perguntavam por que continuava cortando cana sendo que eu era um dos estudantes da escola interna de Dourados - MS. Não me incomodava com as perguntas não ligava, mas na hora do banho ou no descanso do de domingo refletia comigo mesmo sobre os questionamentos dos meus colegas.

No ano seguinte voltei para a Empresa Nova Andradina - MS. O responsável pela turma era o meu irmão Isaias Martins e o prazo de trabalho era de 50 dias. O serviço era na carpa, mas também na produção, o gerente pediu para o meu irmão fazer equipe. Cada grupo com no máximo 10 pessoas. Um dia o responsável da turma Isaias Martins deixou a turma sob minha responsabilidade, pois ele tinha que ir para a aldeia para trazer o adiantamento para as famílias.

No decorrer do contrato eu me lembrei o que diziam os meus amigos que eu era um dos estudantes e perguntei a mim mesmo: o que fazer para melhorar a minha situação? Continuei trabalhando. Uma vez estava sozinho no serviço e entrei no meio do canavial para fazer uma oração e pedia a Deus uma condição melhor de vida. Depois continuei trabalhando e, cheguei até esquecer a minha oração. Mas de repente adoeci, saiu uma mancha no meu corpo e fui encaminhado no Hospital Da Missão Evangélica Caiua de Dourados. Fiquei internado por uma semana e no hospital não encontrei ninguém da minha aldeia. Ao receber alta voltei para a aldeia e não encontrei ninguém dos meus irmãos e nem os colegas. Fiquei parado por dois meses, mas a maioria dos meus amigos e os vizinhos continuavam trabalhando na empresa.

Quando fiquei sabendo que o senhor Justino Vilhalva estava procurando pessoas para completar a sua turma, fui à casa dele e apresentei meu nome. Logo seu Justino me deu um vale no valor de 100 reais para gastar no mercado de um sitiante conhecido como senhor Didi. Isso em um dia de domingo. Na segunda feira eu já estava indo para gastar o vale da empresa e de repente um parente, amigo do meu irmão me chamou, era o Marcos Martinez e ele perguntou se eu aceitaria ajudar a professora Marice na aula de Educação Física. Ele me informou que ela pagaria 50 reais cada mês e daria roupas e sapatos e, não pensei duas vezes, aceitei a proposta.

Sabia que era pouco, mas estava naquele momento precisando e queria muito apreender. Hoje estudando, compreendo que fui muito explorado, colocado como incapaz, os conhecidos efeitos da colonialidade. Muitos parentes têm lutado para não

deixar isso acontecer no nosso tekoha Porto Lindo, principalmente a imposição hegemônica dos não índios.

Iniciei a aula com a professora Marice no ano de 1998 na escola da Missão Evangélica Caiuá que naquela época era chamada de Escola Extensão Doutor Nelson de Araújo. A professora Marice sempre me orientava sobre a aula de educação física, passando livros com várias atividades e brincadeiras. Os alunos eram bem obedientes e aula era duas vezes por semana com o tempo de 45 minutos. Eu fazia chamada e anotava as presenças e as faltas. Em uma semana fui perguntar na escola de Jacareí se ainda tinha vaga para estudar e o diretor informou que eu podia me matricular. Fiz a matrícula já no mês de março de 1998. Parei de estudar por 11 anos

As aulas de educação física da professora Marice era de manhã e à tarde. No período noturno freqüentava a escola em Jacareí, retomando a 6ª série do ensino fundamental. A maioria da minha sala tinha cadernos grande capa dura bonitos eu tinha 6 cadernos pequenos que os alunos usavam na escola, mas gostava de participar de discussão principalmente na aula de História e Geografia.

Eu falava muito na língua Guarani com os meus colegas e um dia o professor da desta escola me impediu de falar em Guarani, fiquei triste e fui conversar com o diretor sobre a situação e informei que se continuasse a me impedir eu iria buscar o meu direito em algum lugar ou na FUNAI. O diretor chamou a atenção de todos os professores sobre a proibição de falar Guarani na sala de aula, pois a maioria que estudava na escola era da comunidade indígena. Após esta conversa com o diretor, houve um bom relacionamento entre os professores.

Terminei tendo boas notas e aprovado para 7ª série. A partir de 1999 iniciei dando aula na escola da missão de Porto Lindo nas séries iniciais. A professora Marice e o Marcos Martinez e também diretora Sirnei me deram orientação para fazer o EJA (educação jovens e adultos), pois fazendo EJA eu iria terminar o ensino fundamental. Fiz minha matrícula em Iguatemi. Na Escola 8 de Maio eu ministrava minhas aulas no período matutino e vespertino e durante a noite estudava na EJA.

Naquela época a Marice, Marcos, Sirneie a minha irmã Edleia estavam cursando Pedagogia em Naviraí – MS e havia uma vaga no carro e com eles eu me deslocava até Iguatemi. Para voltar eu ficava até 1 hora da manhã esperando eles voltarem da faculdade. Fui terminando o modulo e desisti de ir no carro, pois eles voltavam muito tarde. Resolvi comprar uma bicicleta.

No segundo semestre continuei indo de bicicleta quando chovia pedia para o diretor uma capa ele me ajudava e pedia para não desistir o nome dele era o senhor Mario um japonês muito legal. Durante a aula na reunião dos pais no planejamento no diário os colegas sempre me ajudavam muito a diretora Sirnei era exigente muito pontual o professor Marcos Martinez e um parente Guarani muito certo naquilo que faz e na sua colocação a Marice me acompanhava no planejamento quando eu tinha dificuldade.

Na época a minha avó já começava a adoecer percebi que ela se preocupava comigo não parava de estudar e trabalhava então conversei com o senhor Cantalicio Pai do meu amigo Rodolfo Godoi se teria uma forma de me mudar na casa dele e ele arrumou uma casinha para eu ficar e mudei na casinha que ficava perto da minha avó. Ela perguntou porque me mudei e respondi que eu precisava de uma casinha somente para guardar as minhas coisas. Ela ficou contente, pois ficava perto da casa dela.

Durante esse tempo eu já ouvia dos colegas o movimento dos professores indígenas, mas não conhecia bem esse movimento e continuava o meu estudo em Iguatemi. Estava no módulo 8 e 7 estava tudo fechado tendo notas boas a ideia era de terminar o ensino fundamental e continuar no ensino médio em Jacareí naquele momento surgiu um dialogo de que iria começar um projeto “Ara Vera” e logo a aldeia todo estava sabendo fiquei meio indeciso o que fazer continuar o modulo em Iguatemi ou me inscrever no projeto teve colegas que não queriam participar mas eu fui pedindo um melhor esclarecimentos do assunto e percebi que a maioria dos parentes estava inscritos para cursar o Maciel, Alfredo, Valdomiro. Como o professor Valdomiro fazia parte da comissão, me aproximei muito dele e ele informou que o curso era especifico para Guarani e Kaiowá e que o nosso tekoha precisa de professores que falassem a língua materna para ensinar as nossas crianças e a nossa luta é lutar juntos e sobre o curso precisariam ter um magistério especifico onde esse atenderia ou deveria ser pensado pela comunidade.

Mesmo com toda a explicação do meu colega não conseguia entender bem a ideia do magistério indígena, mas o curso já estava para começar a professora Marice pediu para eu não deixar de estudar em Iguatemi pois talvez o curso de magistério poderia fracassar. O diálogo era desde 1986, fazia muito tempo que a discussão pelo projeto junto ao movimento dos professores indígenas, rezadores e lideranças. A luta era

por uma escola especificamente indígena e por esse motivo era necessário o curso específico para Guarani e Kaiowá.

Também houve a participação de instituições tais como o CIMI (conselho indigenista missionário). Além dessa instituição o projeto era discutido na grande assembleia dos povos G/K no Aty Guasu. O projeto foi elaborado em parceria com os professores Anari, Veronice Rossato, Antônio Brand, Adir e Terezinha. Toda essa informação quem esclareceu foi a Valdelice quando ela estava na aldeia Porto Lindo me senti seguro e confiante que o curso pode dar certo então decidi mesmo de deixar o meu módulo do EJA e ir para o projeto de magistério indígena.

Em julho de 1999 começou a primeira etapa do curso Ara Vera (tempo /espaço iluminado) na Vila São Pedro, município de Dourados/MS. Eu não precisava me apresentar para liderança ou rezador, pois na aldeia a maioria conhecia a minha família e a equipe da escola sabia do meu interesse de voltar a estudar e até os meus colegas que iria fazer o magistério. Decidi fui da primeira turma do projeto ara vera.

Durante o curso aproveitava na hora de descanso conversar sobre de onde surgiu essa ideia de criação do curso a Valdelice dizia que os Nhanderu (rezadores) se preocupavam com a escola que era oferecida ao índio pois essa não tinha a participação da comunidade indígena na sua organização esse tipo de educação não condizia com as necessidades dos povos Guarani e Kaiowá. E além da questão da educação ainda havia problemas relacionadas à saúde indígena e a luta pela terra.

Perguntei quais eram as pessoas que faziam parte da comissão na época o Otoniel, Valdomiro, Valdelice, Leia Aquino, Lídio Veron que são dos Guarani e Kaiowá percebi que o projeto Ara Verá realmente não seria um tempo perdido, principalmente, para minha pessoa e a comunidade. A outra preocupação que sempre ocorria era de que não havia concluído o Ensino Fundamental, havia parado no módulo 8 no município de Iguatemi – MS.

Fiquei vários dias pensando sobre isso, quando tive a oportunidade de perguntar para a professora doutora Adir e ela dizia que o magistério Ara Verá iria cobrir o meu estudo do Ensino Fundamental, fiquei muito contente e tive confiança naquela palavra.

Projeto Ara Vera

O curso era por etapas eu queria ver e descobrir o que realmente o meu povo Guarani queria com esse projeto Ara Vera, enfim o que a escola dos não índios não atendia ou em que não atendia os Guarani e Kaiowá então fui observando os estudos de conteúdos.No decorrer do curso fui descobrindo o modelo de educação onde eu estudava era de forma homogeneizador e colonialista.

E o Projeto Ara Vera atenderia as demandas dos Guarani e Kaiowá, que seria: Continuidade de língua materna na escola; A valorização de cultura Guarani e Kaiowá; a luta pelos direitos conquistados; a luta pela terra tradicional; as formas de educação Guarani e Kaiowá de ensinar. Então entendi que os Guarani e Kaiowá precisavam criar uma política que fosse ao encontro das dificuldades e de acordo com as nossas necessidades e as escolas indígenas atenderia conforme essas demandas.

No curso Ara Vera descobri como surgiu o movimento dos professores Guarani e Kaiowá de Mato Grosso do Sul e que o projeto Ara Verá tem uma comissão que é constituída por lideranças, professores e rezadores Guarani e Kaiowá de todas as tekohas de Mato Grosso do Sul e que foi essa comissão que percebeu que as escolas sem professores do próprio tekoha estavam acabando com o nhandereko - sistema próprio dos Guarani e Kaiowá e por isso decidiram que a escola indígena deveria oferecer uma educação diferenciada, específica, bilíngüe, comunitária e intercultural.

A criação e formulação da proposta do projeto tiveram inúmeros envolvidos

A UFMS, a UCDB e a Diocese de Dourados firmaram em 1996 o Protocolo nº 1393, criando um Colegiado, tendo em vista o intercâmbio e a cooperação técnico - científico para o desenvolvimento de um Programa de apoio à Educação Escola Indígena junto à sociedade Kaiowá - Guarani, cuja tarefa inicial foi a construção de uma proposta de Magistério específico para esta etnia, encaminhada à Secretaria Estadual de Educação em 1997. Sob a coordenação geral da Prof.^a Suelise de Paula Borges de Lima Ferreira, a coordenação pedagógica da Prof.^a Adir Casaro Nascimento e a consultoria da Prof.^a Judite Albuquerque, colaboraram na elaboração dessa proposta os Professores: Alcides E. Mizobuchi, Anari F. Nantes, Edil L. da Silva, Haydê A. G. da Silva Zimmer, Mara Rubia A. de Souza, Maria Benigna de Araújo, Maria de Lourdes A. de Souza, Oslon Estigarribia P. de Barros, Rosa S. Colman, Shirley J. do Nascimento, Veronice Lovato Rossato, além dos membros da Comissão dos Professores Guarani/Kaiowá (Teodora de Souza, Eliel Benites, Maria Cristina Benitez, João Riquelme, Valentim Pires, Maria de Lourdes Nelson) e do Prof.^o Antônio Brand coordenador do Programa Kaiowá/Guarani/UCDB. A redação do primeiro projeto foi feita por Suelise de Paula Borges de Lima Ferreira, sendo que esta segunda versão, incorporada a primeira, ficou a cargo de Veronice Lovato Rossato e Maria de Lourdes A. de Souza. (Projeto “Ára Verá”²² Espaço-Tempo Iluminado, 1999, p. 4)

A Licenciatura indígena TekoArandu

Início essa parte do texto com a luta pela criação da Licenciatura indígena Teko Arandu, mais precisamente através do depoimento de um colega, professor indígena Otoniel Ricardo, índio Kaiowá da Reserva Indígena de Caarapó, que ele fala

A luta pela criação da Licenciatura indígena TekoArandu no decorrer do projeto Ara Verá, magistério curso normal em nível médio Guarani e Kaiowá foi percebido pela comissão de professores indígenas, pois iríamos ter a necessidades de continuar o estudo em nível superior na universidade (comentário registrado por mim durante uma reunião do movimento de professores Guarani e Kaiowá, 2000).

No ano de 2002, no município de Caarapó – MS, o movimento de professores Guarani e Kaiowá apresentou uma proposta de como queremos um ensino superior diferenciado e também no mesmo ano, a Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul/UEMS, ofereceu um curso voltado para as series iniciais, mas o professor Rosenildo Barbosa de Carvalho, Guarani e Kaiowá, representante do movimento dos professores Guarani e Kaiowá mostrou a esta universidade que tínhamos uma proposta diferenciada e específica. Para nós, professores indígenas não nos interessavam uma capacitação direcionada para as primeiras Séries Iniciais do Ensino Fundamental.

Lembro que após a fala do professor Rosenildo Barbosa, cerca de 40 professores Guarani e Kaiowá vieram para Dourados - MS com intuito de conversar com o vice reitor da Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul/UEMS. Na conversa, nós queríamos apresentar a nossa proposta diferenciada para o curso no ensino superior. Recordo que tivemos um contratempo pois não queriam receber todo grupo, assim, após um diálogo conseguimos ser recebidos mostramos o projeto o qual era uma licenciatura indígena específica no modelo intercultural onde toda a sua proposta estava voltada para os professores indígenas e as suas demandas na aldeia.

Depois dessa conversa, foi organizada uma comissão entre as instituições superiores como a Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul/UEMS, a Universidade Católica Dom Bosco/UCDB, a Fundação Nacional do Índio/FUNAI, o Movimento dos Professores Guarani e Kaiowá e duas professoras representantes da Secretaria Estadual de Educação, Veronice Rossato e Anari. Após poucas reuniões a parceria acabou sendo desfeita no início de 2005.

Também em 2005, o professor Guarani e Kaiowá Anastácio Peralta, da Terra Indígena de Dourados, começou a articular projeto com os professores e depois os reitores da Universidade Federal da Grande Dourados/UFGD. Ainda sobre o curso de Licenciatura Intercultural Indígena Teko Arandu, via este, ou seja, a realização desse curso como o meu sonho realizado.

Hoje, compreendo que muitos dos professores Guarani e Kaiowá e acadêmicos que estão matriculados no curso não conhecem da história de sofrimento que os primeiros acadêmicos da turma de Licenciatura Intercultural Indígena Teko Arandu da Universidade Federal da Grande Dourados/UFGD passaram para se formar e aprovar a proposta do projeto. Escrevendo essas palavras, me emociono muito pela nossa vitória, a vitória do nosso povo Guarani e principalmente os momentos difíceis que passamos para essa conquista.

Aprendemos com os parentes de Caarapó, mais precisamente com os professores indígenas, a viver e a lutar em coletividade, tudo isso me motivou a ter mais coragem. O nosso choro de momentos tensos que vivemos e passamos foi recompensado pela nossa vitória. Eu e os meus parentes do movimento de professores Guarani e Kaiowá entendemos que esse curso de Licenciatura Intercultural Indígena colocara a Universidade Federal da Grande Dourados/UFGD em evidencia no cenário nacional, principalmente sobre as questões que envolvem o nosso povo.

Escrevendo a dissertação, lembro do depoimento de um colega da nossa primeira do Teko Arandu, o professor Otoniel Ricardo que no ano de 2006, durante uma aula ele mencionou

que a Universidade Federal da Grande Dourados/UFGD deveria se preparar para trabalhar e lidar com o nosso povo, os nossos professores, pois foram séculos de afastamento, mas agora o povo indígena Guarani também irá contribuir para/na construção do ensino superior.

Tive a oportunidade de participar da 1ª turma da Licenciatura Intercultural Indígena Teko Arandu. Iniciei o ensino superior muito contente, principalmente após a luta de cursar o ensino médio, o Curso de Formação Ará Verá (espaço tempo iluminado).

Queria continuar o meu estudo, pois estava mesmo esperando que o projeto do ensino superior iria dar certo. Durante quatro anos cursei a Licenciatura Intercultural Indígena Teko Arandu, na área de Ciências Sociais. Continuei e não desisti porque

pensava da luta do meu povo e também porque queria estudar e conhecer mais sobre a história da aldeia Porto Lindo.

Eu, Eliezer Martins Rodrigues, e os meus parentes Maciel Cáceres, Onesio Dias e Joaquim Adiala, todos professores no tekoha Porto Lindo concluímos o ensino superior. No período de 04 anos o município de Japorã/MS ajudava na hospedagem e também na alimentação e a Fundação Nacional do Índio/FUNAI entrava em parceria com o transporte.

Naquele período eu e os meus colegas não tínhamos bolsa de estudo, cada cursista tinha que ficar no período de vinte dias cumprindo as etapas longas de maneira presencial, o outro período era cumprido na aldeia que os professores chamavam de etapas intermediárias. Conversando com outros colegas, lembrávamos que as viagens eram longas. Existiam umas vans que eram alugadas e que saíam de Mundo Novo e passava na aldeia pegando os colegas universitários. Primeiro passava aqui na aldeia Porto Lindo, município de Japorã/MS, aldeia Sassoró, município de Iguatemi/MS e na aldeia Jaguapiré, município de Tacuru/MS, aldeia Pirajuí, aldeia Potrero, aldeia Paraguasu, aldeia Arroijo Kora, todos no município de Paranhos, aldeia Limão Verde, município de Amambai/MS, Aldeia Guaimbé e Rancho Jacaré, município de Laguna Caarapã/MS, aldeia Taquaperi, município de Coronel Sapucaia/MS, aldeia Cerrito, município de Eldorado/MS.

Foi muito difícil para cada cursista, tinha dia que chovia e a estrada estava com muita areia e buraco, alguns colegas universitários quando tinha dinheiro comprava um lanchinho para o grupo todo e com isso a fome diminuía.

O curso de a Licenciatura Intercultural Indígena Teko Arandu era de duração de quatro anos, durante dois anos, todos nós professores Guarani e Kaiowá ficávamos juntos e após esse período cada estudante escolhia uma área que queria atuar, ou melhor, se profissionalizar. Como sempre gostei muito da disciplina de História, escolhi essa área de Ciências Sociais. Naquela época, tive oportunidade de aprender com o professor Antônio Brand, ele ministrava a aula de História. Foi muito importante e legal, pois todos participavam da aula e eu consegui terminar com bastante atenção as tarefas do professor e consegui manter todas as atividades em dia, não tive nenhuma tarefa pendente no final do curso.

Durante o curso eu estava lecionando o 2º Ano do Ensino Fundamental na escola da extensão “Bom viver”.

1.2.Os caminhos percorridos na UCDB e permanência na sala de aula do mestrado

No ano de 2015 eu conversei com o meu amigo e parente Joaquim Adiala sobre um projeto que eu tinha preparado para continuar o meu estudo após o ensino superior, ele me disse que também tinha esse grande interesse de continuar estudando, mas seria somente no ano seguinte.

Esperamos o ano passar, no início do ano de 2016 a professora Beatriz Landa, a Bia da Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul, comunicou que a Universidade Católica Dom Bosco/UCDB estava abrindo inscrição para quem pretendia fazer o mestrado e para isso precisava enviar o projeto.

Naquela ocasião o Prof.º João Carlos, da Universidade de Rondônia/UNIR estava realizando estudos na aldeia e ele nos ajudou a colocar o projeto e a escrita na ordem dos “brancos”. Pensei que fosse a UCDB que havia mandado o professor, mas depois soube que não foi. Ele estava pesquisando a criança na aldeia por meio de um projeto da UCDB. O professor ajudou além de mim, Eliezer, os companheiros Alfredo, Joaquim e Júlio.

O professor João Carlos ficou aqui na aldeia por três dias organizando os projetos, mas os companheiros Alfredo e o Júlio desistiram. O professor João Carlos me disse que o projeto vai ser muito importante, assim como do meu companheiro Joaquim, fiquei muito contente, mas o projeto tinha que enviar para a Universidade Católica Dom Bosco/UCDB, pelo e-mail. Naquele dia, eu fiquei pensando como vou enviar se tenho dificuldades de manusear o computador e tinha prazo determinado, eu não esperava, um dia eu estava indo para a cidade Iguatemi, um carro parou e me chamou, era o companheiro Joaquim e pediu para eu ir cedo na casa dele no dia seguinte, que ele iria encaminhar todos os meus documentos para a UCDB e tinha que levar o valor da matrícula e alguns trocados para tirar cópia e encaminhar a documentação.

No dia seguinte fomos para a cidade de Mundo Novo/MS, enfim o Joaquim encaminhou todos os meus dados pessoais e na volta me falou que ele comprou carro e que esse carro a gente vai usar para ir e voltar da universidade, então ficamos esperando o resultado, enfim o resultado foi um sucesso.

Na primeira viagem para a universidade, o primeiro eu tinha que fazer uma prova e logo uma entrevista, para mim foi um pouco difícil, estranhei as pessoas somente doutores. O que me ajudou é que eu não estava me sentindo sozinho, estava com o meu companheiro Joaquim Adiala e ao entrar na universidade lembrei muito do meu amigo e professor Antônio Jacó Brand (*in memoriam*) que falava que um dia queria nos ver lá. Sempre lembrei da fala desse meu amigo, ou como os meus parentes falam o verdadeiro branco amigo dos índios.

Quando fui fazer a prova do mestrado, o meu amigo Brand me surpreendeu de novo. Ao visitar o local onde trabalhava vi na entrada a rede que minha avó havia dado de presente a ele. Estava exposto no seu escritório o presente que ele havia ganhado de um Guarani. Muitas lembranças vieram naquele momento, mas pude perceber que estava fazendo uma coisa certa e que ele estaria comigo e com o meu companheiro Joaquim. Falava para o meu companheiro que o Brand que havia tirado nós do tekoha e enviado para a UCDB.

Criei coragem para ir adiante, no primeiro dia de ida e volta já começou uma chuva muito forte, o carro chegou sujo de lama em Iguatemi/MS, a gente lavou, o Joaquim abasteceu e partimos na ida eu disse para meu companheiro quem diria que hoje estou indo para UCDB para iniciar as minhas aulas no mestrado. Ele ficou quieto e toda vez que a gente passava pelas cidades, como Dourados, Vila São Pedro, Rio Brillhante, Naviraí, Nova Alvorada do Sul, todas no estado de Mato Grosso do Sul, eu falava para o Joaquim essas cidades tem muitas histórias e começava a contar histórias conforme as cidades que passavam.

O Joaquim sempre atento a direção e eu ao seu lado, levando e servindo o tereré bem gelado. No primeiro semestre tinha que ir duas vezes por semana na aula, logo no início, achei muito puxado e depois fui me acostumando. O meu companheiro é muito corajoso, não queria saber se era de dia ou de noite, se está chovendo ou não, ele falava e nós, meu irmão, vamos embora.

Na sala eu fiquei meio confuso, não sei se eu ia pegar o caderno e a caneta, eu olhava o Joaquim, fizemos uma roda e cada um foi se apresentando, não tinha ideia como seria o mestrado, eu não estava preocupado com nada, somente queria ouvir os professores. Cada palavra que eu não entendia marcava no meu caderno, não perguntava para os professores e ficava para eu e o meu companheiro discutir na estrada.

Assim que encerravam as aulas nós voltávamos para a estrada e a gente conversava como esses doutores são inteligentes, tinha livros de muitas páginas e conseguiam explicar as perguntas somente ouvindo. Eu tentava acompanhar as teorias, percebi que cada colega ajudava eu e principalmente o meu companheiro, que me orientava também nas dúvidas. Tanto eu como meu companheiro Joaquim, conseguimos bons doutores para as nossas pesquisas. Doutora Adir, amiga nossa e grande menina sabia e o meu doutor Carlos Magno, menino jovem que conhece muito e me ensina as coisas.

No hotel eu perguntava para o Joaquim “e aí como foi a aula para você?” Ele respondia legal, vamos devagar, ele sabia da minha dificuldade de manusear o computador, mas eu tinha um notebook e não usava na sala, ficava na bolsa, escrevia somente no caderno, todas as cópias, os textos, o companheiro imprimia para ele e para mim, e sempre dizia “não se preocupe” falava isso pois eu tinha outras dificuldades, que eram mais complicadas, era a parte financeira, pagava pra mim o almoço e a metade do valor do hotel e até pagava a ida e a volta, o pedágio e o abastecimento. Ficou combinado com o Prefeito Vanderlei Bispo de Oliveira, do município de Japorã/MS, que eu iria me afastar por dois anos de sala com intuito de cursar mestrado e o meu companheiro já estava no cargo de confiança, como coordenador técnico pedagógico, ele tinha um pouco para sustentar a viagem e a hospedagem.

A maior dificuldade que eu e o Joaquim tivemos foi com o carro dele, começou a dar problemas e eu tinha que gastar minha bolsa e ele também, isso no primeiro semestre de 2016, quando arrumava uma peça dava outro problema, mas mesmo assim continuava a viagem, ninguém reclamava de nada, ele continuava corajoso. No mês de setembro do mesmo ano, o carro continuou dando problemas na ida para a UCDB estourou a bomba que jogava a água, tivemos que chamar o guincho e logo chegou, levantou o carro e fomos parar na cidade de Itaquiraí/MS onde chegamos anoitecendo, o dono do atendimento já estava fechado, mas atendeu, arrumou o carro e continuamos a viagem e já avisou o carro precisa de revisão geral.

Conseguimos chegar, participei da aula não estava preocupado, pois o meu companheiro e um rapaz corajoso, nesse momento era o ano político, reeleição do prefeito e com isso, fiquei muito mais seguro e onde estava pensando que tudo vai dar certo para o andamento do meu projeto, isso porque a comunidade unida e eu apoiaria também a reeleição do prefeito.

As minhas dificuldades aumentaram, pois, o meu companheiro decidiu sair candidato a vereador, então ele tinha que deixar o cargo de coordenador e eu tinha então que procurar o senhor Prefeito Vanderlei Bispo de Oliveira para fazer um compromisso para confirmar meu apoio para a sua reeleição. O acordo é de que o prefeito pagaria todas as mensalidades em atraso e os dois períodos de coordenação segurados para mim e o meu companheiro me ajudaria no momento em que eu precisava, gostei do acordo nesse momento o carro estava na oficina, e eu parei um pouco, assim como meu amigo Joaquim, ele como candidato acabou o primeiro semestre e começou o segundo semestre e ficou parada as mensalidades, não consegui eliminar as minhas dívidas.

Durante as aulas na universidade, um dia o meu orientador Doutor Carlos Magno Naglis Vieira me informou que tinha encerrado o prazo depois de dez anos da bolsa do Observatório da Educação, parceria do Governo Federal/CAPES e com isso a UCDB não teria mais a bolsa de estudo para cada mestrando indígena.

Fiquei preocupado, mais avisei meu orientador que havia amarrado uma parte do corpo nos postes da UCDB e que não pensava em desistir. Foi então que surgiu a oportunidade de enviar o meu projeto para FUNDECT, o projeto do meu povo, pois tinha aberto a inscrição de bolsa para os mestrandos e eu e o meu orientador enviamos e o meu projeto e foi aprovado.

Conseguindo então continuar o mestrado e o meu amigo desistiu também, com uma grande preocupação, pois senti que não estou pagando as dívidas que foi do primeiro semestre e o segundo semestre.

No segundo semestre ficou mais difícil a minha viagem para a UCDB da aldeia, pois tudo era particular, tinha que ir por minha própria conta até a rodoviária na cidade de Iguatemi, que fica vinte quilômetros da minha casa, pegar o ônibus que sai 21:30 horas para Campo Grande e chega as 5:40 horas na rodoviária do outro dia. Na rodoviária precisava pegar um moto táxi para a UCDB, algumas vezes pegava carona com o professor Yan ou o meu orientador me levava. Já precisei parar no meu do caminho e seguir a pé, pois o dinheiro não dava.

Realizava as orientações sempre até o horário do almoço, pois precisava pegar o ônibus de volta. Devido a dificuldade de manusear o computador, sempre trazia digitado e impresso em vários arquivos aquilo que tinha escrito sobre a minha pesquisa e sobre o meu povo. Sempre soube que essa pesquisa iria ajudar o meu povo. Chegava na rodoviária de Iguatemi somente 23:00 horas da noite, ali eu tenho que procurar um

meio para dormir ou um carro disponível para a aldeia e onde ninguém quer ir, se eu conseguir chegar em casa 1:00 hora da madrugada, se não, eu fico na rodoviária e somente no outro dia volto em casa.

Não me arrependo, pois com ajuda do meu povo, os rezadores, o meu orientador, da menina e de outros a escrita foi acontecendo.

1.3. Um pouco mais de minha trajetória e o interesse de pesquisar criança Guarani Nhandeva

Eu tinha bastante conhecimento sobre os saberes indígenas dos Guarani Nhandeva de Porto Lindo, adquiri durante muitas conversas com os mais sábios. Eu não passava dificuldade, pois eu contava história, contos, cantava na língua Guarani. Eu sabia os contos de macaco, as parlendas, as poesias e as músicas. Percebia que com isso as crianças se sentiam muito bem comigo na sala de aula e fora da sala também, principalmente, no pátio.

Muitos colegas admiravam a minha pessoa, sempre queriam saber como eu conseguia manter todas essas crianças durante o tempo todo em sala de aula com a prática de outros saberes, os nossos saberes. A explicação é que eu sabia as brincadeiras pedagógicas Guarani, como exemplo: a troca de casa e a compra de cebola, as crianças brincava e não tinha horas para terminar. Também eu brincava de bicho o faz de conta; macaco e a onça.

A diferença é que todo dia os alunos até já sabiam das brincadeiras e dos horários de brincar, essas brincadeiras faziam parte da realidade de cada criança. Todo dia também eu escrevia o nome de cada aluno no quadro negro para fazer a leitura e chamada. Nesse momento eu dizia que eu tinha um nome que recebi do rezador através da reza e assim os alunos não tinham vergonha de me contar alguma história que vem acontecendo dia a dia na sua vida particular.

Eu fazia o planejamento de acordo como a secretaria mandava e também seguia as regras, pois a final os alunos precisavam sair do Pré II já com alguma escrita dominando, principalmente o seu nome. Fiquei muito contente quando todos conseguiram escrever e já iniciaram a identificar o nome graças os conhecimentos e saberes dos mais sábios que me ajudaram, pois através desses sábios consegui realizar essa tarefa que é muito complicado.

Entendo que a criança precisa compreender o mundo Guarani, e em especial as crianças Guarani Nãndeva de Porto Lindo para depois iniciar no mundo das letras e da escrita.

Naquela época eu morava na casinha onde eu ganhei do senhor Cantalício Godoi, mas sempre visitava a minha avó D. Eunice Nha Remícia, trabalhei quatro anos na Escola da Missão com a turma de Educação Infantil. Depois, em seguida continuei na Escola Extensão Bom Viver com a mesma turma e resolvi mudar na casa da minha Edlei após ficava mais perto o local onde eu trabalhava.

Terminei com sucesso a turma que estava comigo fizeram uma formatura muito bonita que foi na igreja, onde todos os pais vieram. Os alunos receberam o seu diploma e eu recebi o carinho dos pais. A partir daí comecei a me interessar para a área de Educação Infantil, e com isso passei a querer conhecer um pouco mais sobre esse universo que envolve esse mundo das crianças Guarani.

Continuei a me aproximar dos rezadores, principalmente do senhor Cantalício Godoi, o nome indígena dele é Ava Tupa Veraju; significa guardião de Deus, que está aqui na terra para fazer a reza e repassar os sonhos e o que pode acontecer futuramente ele recebe a sabedoria através dos sonhos e vai repassando os conhecimentos que ele adquiriu do Tupa Nhanderuete.

Um fato interessante que o senhor Cantalício Godoi, contou para mim foi que na hora de descanso, contava para a sua família o mito do SOL e da LUA. Segundo ele:

Ele contava que o SOL E A LUA eram duas crianças gêmeos no ventre da sua MAE e antes de nascer o sataná encontrou a MAE dos gêmeos e matou a MAE do SOL e da LUA e comeu a MAE dos gêmeos e disse o sataná que ele não queria comer filhotes mas o jaryivovo do sataná disse que ele iria comer os dois filhos disse vou esperar um pouco secar a carne dos dois o maior era a LUA e o sataná mandou coloca os dois num balaio e esperar e enquanto isso o sataná estava assando a MAE dos gêmeos e comendo logo o jaryi dos sataná se direcionou para os dois irmãos e a SOL então começou a chorar e a LUA pediu para a SOL e disse meu irmão não chores não meu irmão mas o sataná se aproximou e perguntou eu quero agora os filhotes que esta dentro do balaio e logo já pegou o maior que a LUA queria colocar em cima de uma pedra para matar mas ele não conseguia fazer parar em cima da pedra para matar a criança era muito liso então jogou a criança no mato e pegou o menor que era o SOL aconteceu a mesma coisa o sataná não desistiu de matar pegou um pedaço de madeira colocou a cabeça do SOL em cima da pedra e tentou acertar a cabeça da criança mas não conseguiu acertar ate ficou nervoso e disse vamos fazer o seguinte são muito novinhos coitado vamos deixar crescer e pediu para os demais cuidarem dos gêmeos então o SOL e a LUA foi crescendo os dois brincavam muito fazia de

tudo mas viviam sob os cuidados de satanás não deixava os dois saírem longe um dia o SOL pediu a autorização para saírem brincar com seu IRMAO e o satanás deixou os dois saírem o SOL então ensinou o seu irmão a LUA fazendo uma armadilha de um espiga de milho a armadilha estava pronto e logo o satanás já estava novamente atrás dos gêmeos para levar de volta mas o satanás disse o que estão fazendo o SOL respondeu uma armadilha para pegar ratos o satanás deu risada e falou com essa armadilha você não pega nada então o SOL respondeu experimente e o satanás deitou e quando viu a armadilha que era pequeno se tornou uma armadilha muito grande e ao cair por cima do satanás fez um buraco sem fim e foi caindo e nunca mais saiu, esse buraco existe ate hoje conforme o rezador

Cantalício tem momentos que ele se emocionava durante a fala e dizia essa e somente uma parte do mito sobre o sol e a lua foi muito legal ouvir o rezador assim eu ganhava a confiança o respeito com os mais sábios da comunidade muitos parentes Guarani Nhandeva conhece essa história era um ensinamentos muito importante para mim e futuras gerações Guarani Nhandeva de Porto Lindo o senhor Cantalício dizia que o sol e a lua vieram aqui somente para *ohaangahagua* (como seria o rumo dos seres humanos) muitas traições desesperos, sofrimentos.

Através do senhor Cantalicio aprendi essa forma de repassar os conhecimentos através do diálogo paciência e saber ouvir e esperar o tempo do outro.O senhor Elias, meu pai, me ensinou *okoty* e o *guahu* dos Guarani Nhandeva tem *guhudo* galo que ele mostrava como eles faziam e ele cantava: *guyrajepete,jepete pete, sapukai*

Guyraé o galo

Jepete:batia as asas

Sapukai:gritava.

Esse *guahu* conforme o senhor Eliase os Guarani Nhandeva praticavam quando acontecia grandes encontros nas aldeias, era o que muitas vezes pensei em pesquisar. Sempre lembrei das palavras do meu pai ao terminar o seu *guahu* falando era muito bom, ninguém ficava de fora, todos participavam homens, mulheres, jovens e principalmente as crianças.

Observando que nesse momento precisamos fortalecer a nossa cultura e ensinar as nossas crianças *ojeroky*, as rezas, o *guahu*, as danças e o *nhandereko*, já estava pensando no projeto, mas não conseguia definir bem o que realmente gostaria de escrever o que seria o tema do meu projeto. Eu pensei muito de colocar o nome do

projeto como a casa de reza Guarani, na verdade nem tinha escrito nada, pois estava apenas pensando ainda em escrever.

Fui em busca de alguns projetos sobre os conhecimentos Guarani de Porto Lindo, fiquei pensando na continuidade do meu estudo que havia terminado na Licenciatura Intercultural Teko Arandu na UFGD (Universidade Federal da Grande Dourados), em 2010, e queria continuar estudando, mas não conseguia definir o que escrever.

Ainda nesse período de reflexão e escrita do projeto comecei a fazer uma relação sobre os conhecimentos que os Guarani Nhandeva sabem:

A chicha
As danças
O kotihu
O guahu
Mbaraka
Jeasaa
O cocar
O takua
Onde as crianças aprendem
O que aprendem
Os conhecimentos sobre os fenômenos da natureza
O batismo de plantas
O batismo de milho
O batismo de crianças
A nomeação das crianças
Os significados de nomes indígenas
Os usos de artesanatos
O sistema de ensinar as crianças

Os momentos de ensinar
Os conhecimentos sobre os pássaros
Os jaras (guardião que o Guarani Ñandeva respeita)
Conhecimentos sobre os animais.

Fonte: Eliezer Martins Rodrigues (2017)

Percebi que esses conhecimentos da cultura Guarani Nhandeva estavam somente na memória dos mais sábios aqui na aldeia Porto Lindo e como professor indígena Guarani uma das minhas tarefas era registrar esses conhecimentos do meu povo e levar nas universidades e esse é um dos meus sonhos que gostaria de realizar.

Eu fui pensando o que fazer para encaminhar e também definir o nome do meu projeto. Parei de pensar e de escrever por mais de cinco anos pois estava dando aula e tinha que cumprir as demandas da Secretaria de Educação, mas não desistia do meu sonho que era escrever o projeto de pesquisa para concorrer ao mestrado. Sempre estava conversando com a professora Beatriz Landa da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul/UEMS, ela dizia que poderia escrever o projeto e quanto ela tivesse um tempinho era olharia e faria as sugestões. Mesmo assim, eu ficava em dúvida, onde encaminhar e como fazer para encaminhar, pois eu tinha dificuldades de manusear o computador, fiquei nessa dúvida.

Enquanto isso, eu andei observando a família grande da aldeia, principalmente o que ensina os pais em casa e qual era o momento de ensinar. Tudo isso, era algo que já vinha observando sem escrever.

Durante esse tempo não parei de pensar o projeto e eu participava muito das reuniões de lideranças da aldeia Porto Lindo, mais especificamente aquelas que se refere ao campo da política do município e dos rezadores. Por esse motivo estava a todo tempo com os líderes da aldeia e os rezadores, também participei de algumas reuniões dos agricultores. Mas, foi nas reuniões dos pais de alunos da aldeia que ficava sempre atento, principalmente nas mães Guarani Ñandeva que sinalizavam o que ensinava e como ensinava durante ou o antes da escolarização de seus filhos.

Um dia aconteceu uma grande reunião onde o senhor rezador Leopoldo de Souza fez questão de pedir aos pais de ensinarem os seus filhos que as crianças não aprendem principalmente: o *nhe* e vai não falar mal dos outros na frente das crianças,

quando a criança começa a sua fala não começar usando palavras que ele(a) não conhece somente as palavras do mundo dele(a) isto e da infância a criança precisa muito ouvir o *nhe* e *marangatu* ouvir dos pais as palavras com paciência, carinho, amor palavras que os rezadores recebem do Tupã .

Conforme o rezador o senhor Leopoldo (TATU i) o *nhemboe* (reza) as crianças precisam ouvir bastante vezes ele fala que existe várias rezas, pois existe reza somente para as crianças, reza para a chuva, reza para o batismo, reza para o relâmpago, reza para o vento forte, então as crianças precisam apreender a ouvir, disse o rezador.

As crianças na minha observação têm um papel importante para o nosso povo Guarani Nhandeva de Porto Lindo.

Em 1998 comecei a dar aulas, tive uma experiência com uma primeira turma com a matéria de Educação Física na Missão Evangélica Kaiova de Porto Lindo. A partir de 1999, em diante, iniciei lecionando nas salas da escola da Missão pegando a turma das Series Iniciais que naquela época eu era considerado professor leigo, pois estava fazendo parte da primeira turma do Projeto Ara Vera (Espaço Tempo Iluminado).

A partir de 2002 iniciei com a turma de Educação Infantil – Pré II e nesse momento e que procurei ainda mais os mais sábios da minha aldeia Porto Lindo para conhecer bastante sobre as crianças Guarani Nhandeva: as brincadeiras, os jogos e os nomes indígenas, enfim a ciências do meu povo, a realidade Guarani Nhandeva de Porto Lindo.

Fui pedindo os conhecimentos que os mais idosos conhecem sobre os animais, as plantas frutíferas, enfim procurei a entender o mundo das crianças indígenas da minha aldeia e os processos próprios de aprendizagem, observando, conversando e como professor, analisando e refletindo algumas experiências que ocorreram em sala de sala de aula com a minha turma na educação infantil Pré II.

Durante o curso Projeto Ara Vera eu estava ciente de que os rezadores e lideranças nos seus depoimentos no Aty Guasu (Grande Assembleia) dos Guarani e Kaiowá do Mato Grosso do Sul nos encontros de professores nas conferências sobre a Educação Escolar Indígena (Local, Regional e Nacional) percebi que o meu projeto seria muito importante para o meu povo, registrar os conhecimentos que cada família tem na sua memória dentro da aldeia e que há muitos anos estavam somente na memória dos mais idosos seria muito relevante para não ficar perdido.

De acordo o senhor Sabino Dias, meu tio, a educação escolar na aldeia Porto Lindo iniciou na década de 1960 com a chegada da Missão Evangélica Caiuá e cujo o objetivo era evangelizar os indígenas e utilizaram a estratégia que eles chamaram de tripé “evangelização, educação e saúde”. Ainda, segundo Sabino a educação escolar que era oferecida para a comunidade de Porto Lindo não era muito bem recebido faltava outro modo de formação para as crianças e o Projeto Ara Vera seria um curso onde atenderia as demandas da comunidade e onde o curso deu a oportunidade para os G/K.

A oportunidade que ressalto corresponde ao estudo do Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas/RCNEI onde destaca alguns pontos importantes que como

o estudo das ciências pode ajudar a resolver problemas que afetam diretamente as sociedades indígenas a área de ciências esta diretamente ligada aos temas transversais terra e conservação da biodiversidade e auto sustentação a maneira de organizar as atividades produtivas no território indígena ou seja a sua gestão territorial passa pela visão do universo do planeta da vida do ser humano e da produção humano integrando várias áreas do conhecimento o estudo das ciências dessa forma pode contribuir para garantia dos direitos dos grupos indígenas a conservação e utilização dos recursos do seu território (RCNEI,1998, p.225)

Ressalto a importância desse texto para o Povo Guarani Ñandeva de Porto Lindo e principalmente quando se trata do futuro das gerações que são as crianças. Geralmente os pais ensinam as crianças o uso de lenha na preparação de alimentos os tipos de madeira que serve para o preparo de comidas, exemplo não pode pegar ou derrubar qualquer madeira a lenha boa para fazer comida tem ser a lenha o Anjico, Preto Guajuvira, Tatare, Guatambu, através desses ensinamentos as crianças conhece e aprende a sobreviver com a sua família para terem uma comida saudável e também as crianças começa a saber a sua alimentação e que tem a ligação a subsistência e a sobrevivência as crianças também aprende o seu território os limites da sua aldeia onde ir para buscar a lenha ,as plantas medicinais ,onde ir pescar, as meninas aprende as técnicas de limpar os talheres de carregar a comida

CAPÍTULO 2

A CRIANÇA GUARANI NO TEKOKHA PORTO LINDO/JAPORÃ-MS: antes da escolarização

2.1. O tekoha Porto Lindo/Japorã-MS e o território YvyKatu:

O tekoha Porto Lindo, localizado no município de Japorã/MS, foi criado em 1928. Segundo Landa (2011) sua criação ocorreu por meio do “Decreto nº 835 do Governo de Mato Grosso [...] em um lote reservado e denominado Porto Lindo, com 2000 ha” (p 47). Ainda de acordo com a autora “esta Terra Indígena também é denominada regionalmente por reserva pois está entre as oito reservas demarcadas até o ano de 1928, pelo Serviço de Proteção ao Índio (SPI)” (p. 48).

De acordo com Brand (2011) e Landa (2005, 2011) as oitos reservas demarcadas pelo SPI até o ano de 1928 foram: Reserva Indígena de Dourados/Horta Barbosa (Dourados), Reserva Indígena de Amambai e Limão Verde (Amambai), Reserva Indígena Pirajuy (Paranhos), Reserva Indígena Tei’ykue (Caarapó), Reserva Indígena Taquaperi (Coronel Sapucaia), Reserva Indígena Porto Lindo (Japorã) e Reserva Indígena Sassoró/Ramada (Tacuru).

Landa (2005) escreve que Pimentel Barbosa escolheu uma área de 3600ha e “na oportunidade teria comunicado às autoridades e moradores do Patrimônio Sacarão (hoje município de Iguatemi) que estas terras pertenciam aos índios e informando que estas eram constituídas por matas e pequeno poteiros, e também eram devolutas” (p. 109).

Ainda, segundo Landa (2005)

Com despachos datados de 22.03.32 e 16.06.36, da Diretoria de Terras da Secretaria da Agricultura, foram confirmados os trabalhos de medição e demarcação da área com 2000 ha. Em 1940, a Diretoria de Terras e Obras Públicas em Cuiabá expediu o Título Definitivo de Propriedade, em nome do Governo Federal, sobre a área de 2000

ha, sendo o Título Registrado no CRI na Comarca de Amambai em 1965. Em 1988, sob vigência do convênio entre a FUNAI e TERRASUL, foi aviantada uma superfície de 1648 ha. Foi homologada pelo Decreto nº 302, de 29.10.91, com superfície de 1.648 há e perímetro de 18 km e atualmente está registrada no CRI da Comarca de Mundo Novo em 1993 e na D-SPU/MS em 1994 (dados retirados do site da Funai, em 10 de outubro de 2003) (p. 109).



Imagem 2 – Mapa do Tekoha Porto Lindo e YvyKatu

O território do Yvy Katu que recebeu o nome dos rezadores por ser uma área sagrada, está localizado a 510 km de Campo Grande/MS, capital do Mato Grosso do Sul. De acordo com a pesquisadora Rosa Colman (2007) esse tekoha de “reocupação deve ser uma ampliação da Reserva de Porto Lindo” (p. 65). De acordo com os estudos de Colman e Brand (2008) a ocupação do território do Yvy Katu foi impulsionada devido

A superpopulação e degradação das terras verificada nas reservas demarcadas pelo SPI, é tida por eles como o principal motivo para delas saírem e reocuparem as terras por eles consideradas como sendo deles, ou seja, terras de ocupação tradicional. A falta de espaço nas reservas, decorrente da superpopulação, aparece, claramente, como um fator de tensão social, que impossibilita determinadas práticas, inclusive as relacionadas a sua subsistência, como a criação de pequenos animais (p. 166).

De acordo com o Censo Demográfico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) de 2010, a população total do município era de 7.731, sendo 3.822 indígenas. Segundo o professor Joaquim Adiala, ex-coordenador técnico da Secretaria Municipal de Educação, e atual vereador do município, em 2014 aproximadamente 1.064 famílias Guarani vivia em Porto Lindo e no Yvy Katu, sendo que 5% deste total é Guarani Kaiowá.

No tekoha Porto Lindo temos a Escola Municipal Indígena de Educação Infantil e Ensino Fundamental Mbo'Ehao Tekoha Guarani- Polo”, criada através do Decreto Municipal nº 117/03 (abril/2008), no município de Japorã - MS. De acordo com o Projeto Político Pedagógico da Escola, a instituição recebe o nome de Escola Municipal Indígena de Educação Infantil e Ensino Fundamental Aldeia Guarani Pólo, seguido de “MBO'EHAO AVA TETÃ MIRI MBO'E ROKY ARANDUVERÃ TEKOKHA GUARANI- MBYTETE”, porque explica o significado da proposta pedagógica e da identidade da escola:

MBO'EHAO: significa escola ou espaço onde as crianças devem aprender a valorizar seu jeito de ser, sua cultura e sua crença; tem duas palavras no MBO'E e HAO, o que MBO'E significa Ensinar e aprender, HAO significa espaço, lugar, uma casa.

AVA: Significa Indígena, índios; **TETÃ:** Povo; **MIRI:** Pequeno; **ROKY:** Nascer, brotar; **ARANDUVERÃ:** Para conhecimento, inteligência, Ciências; **TEKOKHA:** Aldeia; **GUARANI:** Povo e língua Guarani; **MBYTETE:** Pólo. Tudo isso significa lugar ou espaço onde um povo numa pequena comunidade em um espaço possa adquirir e aperfeiçoar conhecimento, ciências, de onde saem lideranças, professores, pessoas que possam defender as causas da comunidade, do seu povo.

Retomando a discussão do contexto histórico do território, registro que para desenvolver essa parte da pesquisa dialoguei além dos escritos de Landa (2005) e (2011) com os Guarani e Kaiowá mais velhos da comunidade e pedi para que os mesmos desenhassem, a partir de sua memória, o território total do antigo tekoha antes da chegada dos ervateiros. De acordo com Colman (2007) a partir de conversas com o senhor Delosanto Centurion (*in memoriam*), a região do tekoha Porto Lindo era um perobal e do yvy katu um erval. “a erva tinha um valor econômico maior que a madeira” (idem, p. 67).

Conversei com os anciãos mais velhos da Aldeia Porto Lindo: Eduardo Martins, falecido aos 85 anos, Elias Martins, 65 anos, Ambrósio Vilhalva (Kunumi

Taperendy), 49 anos, Delosanto Centurion, 68 anos e Sabino dias, 55 anos. Fiz uso de recursos variados como papel sulfite, pincel, régua, computador, folders de eventos e câmera digital.

Vou iniciar apresentando cada um dos anciãos que contribuíram com meu trabalho. Ambrósio Vilhalva é o mais novo com 49 anos. Nasceu em 1961 na Aldeia Guyraroka, Terra Indígena Caarapó, município de Caarapó - MS e desde os dezoito anos começou a se envolver na luta pela causa indígena. As lideranças de Yvy Katu (Rosalino Ortiz, Valdomiro Ortiz, Cícero Rodrigues e Onório) convidaram Ambrósio para dar orientação para a comunidade no processo de luta pela retomada daquele tekoha. Lá permaneceu dezoito dias e é por isso que recolhi sua contribuição. Eduardo Martins, falecido em 2003, é pai de Elias Martins e viveu a história que relatou para seus filhos e netos. Eu mesmo, seu neto, ouvi várias vezes essa história. Elias Martins é hoje o guardião da memória ouvida de seu pai e viveu parte dessa história constituindo sua própria memória sobre a retomada. Foi um dos produtores de mapas. Sabino Dias conhecedor dos lugares sagrados para os guarani e kaiowá e outros locais importantes para a identificação das fronteiras da área indígena como os portos Karuvai, para cima do rio Iguatemi, Kurupai, Porto Moreno, Porto Lindo, para baixo do rio Iguatemi, desenhou o outro mapa da área. Delosanto Centurion, falecido em 08 de janeiro de 2009, foi um líder religioso guarani que através da reza fortaleceu o povo guarani e kaiowá na luta pelo seu tekoha.

De acordo com Landa (2005) “há famílias que estão em Porto Lindo há muito tempo, com deslocamentos somente esporádicos. Há pessoas com mais de 60 anos que nunca saíram daquele *tekoha*, o que não é incomum no local. Alguns chegam a argumentar que “guarani não é andador” (p. 107).

Desde 2003, dezoito de dezembro, os Guarani Kaiowá resolveram retomar Yvy Katu, estão acampadas mais de oitenta famílias lá. O novo tekoha de Porto Lindo somaria mais ou menos 9.600ha se a área de Yvy Katu fosse totalmente retomada. YvyKatu foi um antigo tekoha Guarani Kaiowá ocupado pelos exploradores da erva mate.

O Yvy Katu divide-se em cinco setores: Larreakue, Paloma, Remanso, Agrolak e a Missão Evangélica Caiuá. Os lugares onde os guarani e kaiowá estabeleceram seus acampamentos receberam o nome das fazendas que estavam dentro dos limites do tekoha. Porto Lindo, por sua vez, possui quatro setores divididos pelos agentes de saúde

da Fundação Nacional de Saúde (FUNASA): Bentinho, Guasori, Yú (nascente) e Escola do Alfredo.

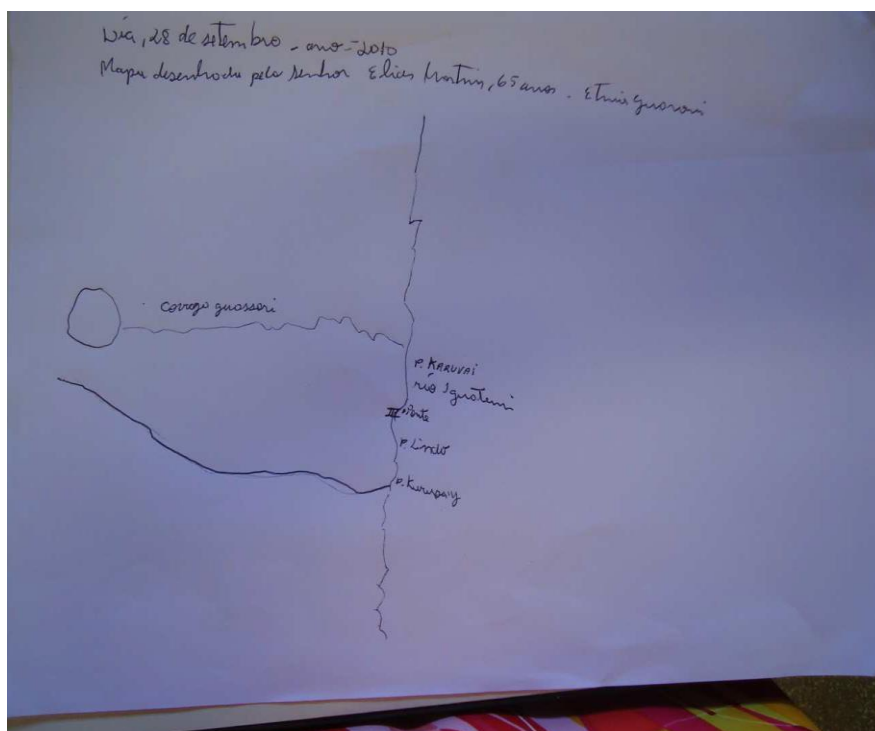


IMAGEM 3 –Localização dos córregos erio que limitam a área guarani e kaiowá do município de Japorã-MS.

Desenhado por Elias Martins no dia 28.09.2010

2.2.A criança indígena Guarani na Tekoha Porto Lindo/Japorã-MS e os primeiros momentos de ensinar

As mães geralmente começam pegando de referência os avós como exemplo ensinam aos filhos na ida para a roça, no momento de lavar a roupa, na hora do tereré, na hora do chimarrão, ao deitar, quando chega o tempo de frio quando começa a trovejar, na época do plantio no momento do preparo de remédios, no preparo da comida, no passeio se encontrar algumas plantas medicinais, na pescaria, no encontro de batismo de seus filhos com o rezador, ao dar remédio sempre explica os nomes das plantas e onde encontra essas plantas, ao ouvir os cantos dos pássaros, como seriema, papagaio, nambu e outros animais, como cigarra, gafanhoto.

Além desses animais outros ensinamentos as crianças aprendem percebendo o pai ou a mãe fazendo com as crianças exemplo o que as mães fazem na criança para começa a falar logo, tem uma planta tipo feijão de corda, a mãe pega essa fruta e estoura

na boca da criança três ou quatro frutinhas e as crianças vê e aprende o nome da planta em guarani sabe onde encontrar e porquê e importante essa planta na cultura guarani. Precisamos ter a tranquilidade de receber a criança do jeito que ela vem do meu povo. A criança criança Guarani é uma pessoa completa com sabedoria, uma pessoa que Deus mandou para garantir a vida.

A criança Guarani aprende os nomes de pássaros em Guarani, nomes de madeira, nomes de variedades de marimbondo que dá mel como jataí (jate i). Abelhas para que serve a cera de abelhas que serve para o rezador acender no batismo de crianças, o cedro que serve para a preparação do batismo. Elas aprendem a não mexer nos filhotes de passarinho, se mexer a cobra começa a sentir o cheiro de passarinho e vem e come tudo os filhotes. Não pode mexer no ovo de nambu, pois as consequências é uma doença muito grave que pode pegar ou sair tumores no corpo da criança.

O outro ensinamento é não zombar de pessoas com deficiência pois o filho de quem zomba pode ser pior, não pode comer frutas que estão grudadas é um risco de que seu filho pode nascer com problemas. As mães também ensinam de forma muito cuidadosa e com atenção, não xingar o outro colega, os mais jovens, idosos e principalmente respeitar o rezador.

Não falar mal do outro, cuidar do seu corpo, não mexer nas coisas do outro, saber dividir, ser bom companheiro, não mentir, não criticar os colegas, respeitar o seu amigo, esses ensinamentos são repassado geralmente em casa.

Ensinamentos sobre animais como cachorro e gatos, os pais das crianças explicam que o cachorro tem um jará dono invisível que cuida do animal então se a pessoa judia do cachorro ele (a) pode ser castigado pelo jará do animal, a mesma coisa acontece quando judia do gato, esse animal o jará de dor de dente não pode judia do gato.

Durante minha vivencia com os mais sábios Guarani de Porto Lindo, aprendi muitas coisas importantes da minha cultura, entendi que cada povo tem a sua cultura e que somente a pessoa que faz parte de um povo que valoriza o seu modo de ser, a minha cultura não vejo como inferior da outra cultura e nem melhor. Tive a oportunidade de entender que as crianças já vem para o mundo completa, com a sua cultura, sua língua e com a sua dança. De acordo com os sábios, apenas precisamos fazer com que elas percebam. Para isso é necessário ter paciência, tranquilidade, suavidade e aceitação.

Todos esses elementos são fundamentais para ampara e segurar a criança e a sua alma para poder conduzir-la.

Em outras palavras, esse processo é muito importante para o nosso povo, pois entendemos que as crianças são o remédio para a vida dos Guarani Nhandeva e confiança da manutenção da nossa cultura indígena.

Respeito muito o mito contado pela minha avó, o mito dos pássaros, do sol e da lua, o mito dos animais, das estrelas. O senhor Carlos de Souza um dia me falou sobre TUPA porque nós Guarani somos o outro e que tem e existe o *nhadereute* que está cuidando do nosso povo. Ele fala que quando há muitos trovões com chuva forte e o momento de cada rezador fazer sua reza para Tupã porque quando é assim Tupã está mandando os *yvryaija* para observar o *nhandereko* aqui na terra, então Tupã quer ouvir a voz do Guarani aqui na terra. E nesse momento precisa rezar e falar com Tupã.

Aprendi que há sinal no céu que próprios dos Guarani exemplo na lua cheia a maioria dos Guarani percebe um sinal na lua, esse sinal ensina muitas coisas para os guarani pois para o povo Guarani a lua vivia aqui na terra e com eu irmão mais velho, o sol. Aprendi também porque a lua e o sol estão hoje dessa forma o sol de dia e a lua a noite de acordo com o rezador eles desobedeceram o *nhanderuete*. Por isso Deus castigou eles para nunca mais se encontrar.

Aprendi o mundo Guarani e diferente da visão dos não indígenas houve um momento que o rezador senhor Carlos de Souza contava com lágrimas os saberes que ele recebia do Tupã ele dizia o sol e a lua veio aqui na terra somente para apontar o que vai acontecer ou o que irá acontecer.

Neste contexto Guarani eu sempre continuarei, desde infância me aproximo muito do rezador, onde eu ando, tenho fé e certeza de que vai dar certo, os saberes que adquiri dos mais velhos, está presente comigo e é nesta perspectiva pensei na criança Guarani de Porto Lindo e preciso registrar e trazer esses conhecimentos nas Universidades que há muito tempo está em silencio, sem valorização e as crianças indígenas guarani precisam valorizar a sua cultura e a Educação Escolar Indígena, tem que trazer esses conhecimentos dentro de sala de aula.

Os Guarani de acordo com a conversa durante a viagem pergunto ao meu parceiro professor, pesquisador e mestrando Joaquim Adiala sobre o que ele entende ao ouvir o *ñandeva* ou guarani *ñandeva*, conforme ele durante a sua vivencia na aldeia e ouvindo os mais sábios o guarani conhece que o povo que pertence ao seu povo pela sua

conversa, sua fala, mesmo não sendo da sua aldeia sabe que faz parte de seu povo, então qualquer pessoa fala esse e o ñandeva que significa que um de nós do povo guarani.

Nhande kuera vamos Guarani ñandeva o povo Guarani, nesse sentido eu optei que o nome do projeto ficaria muito legal eu deixar “A criança Guarani Nhandeva no Tekoha Porto Lindo”, a conversa foi muito aprofundada sobre essa palavra ñandeva e fiquei muito contente, pois defini o nome completo do meu projeto.

A palavra ñandeva vem sendo usada pelos mais sábios da aldeia principalmente os rezadores e que define sobre quem e o Nhandeva ou Nhandekuerava nos conhecimentos Guarani. Nhandeva significa que é aquele que pertence ao povo Guarani, o rezador identifica pela sua fala, pelo seu corpo, pela sua brincadeira, o modo de conversar, o respeito, sua paciência, o modo de ouvir e responder, pelos conhecimentos de mitos, contos, reza e tradição.

Onde ele (a) for tem essa bagagem, seja de outro país ou de região, é identificado dessa maneira e todos declaram se esse é o Nhandekuera e um de nós Guarani Nhandeva. Nesse sentido eu optei que o nome do Projeto ficaria muito completo e legal eu deixar “A criança Guarani Nhandeva no Tekoha porto Lindo”.

Os ensinamentos sobre a educação ou os processos próprios dos Guarani vem sendo repassados para as crianças de geração em geração através do mito, principalmente o mito do sol e lua. Com base na religiosidade da cultura Guarani, o sol e a lua eram gêmeos e vieram em forma de pessoas para dar ensinamentos e regras para o povo desse grupo étnico. Segundo os mais velhos do tekoha Porto Lindo esses conhecimentos as crianças precisam conhecer e aprender.

Ainda em diálogo com os mais idosos da aldeia Porto Lindo, mais precisamente com a senhora Eunice Martins, anciã Guarani, o primeiro passo do ensinamento que as crianças Guarani precisam apreender e compreender é que antes de tudo que há um Deus TUPÃ, iluminando o mundo e que esse Deus Tupã foi o responsável pela criação divina desse mundo Guarani e a cultura desse povo. Em outras palavras Tupã foi o responsável pela criação, por esse motivo precisamos respeitar principalmente a natureza e seus elementos.

De acordo com os ensinamentos aprendidos nas aldeias Guarani, cito mais especificamente o tekoha Porto Lindo, o primeiro passo que precisamos compreender e entender que toda a criança pertence a ele o Deus Tupã.

Retomando o mito do sol e da lua é possível entender a partir dele que os pássaros foram criados para o povo Guarani, por esse motivo que alguns pássaros têm muita ligação a cultura Guarani. Isso justifica a importância das crianças conhecerem os pássaros, a natureza e a relação deles com o nosso povo.

As crianças precisam saber qual a importância dos pássaros para a cultura Guarani, compreender que é das e das penas dessas aves que fazemos o cocar para os enfeites dos colares. Além desses elementos é importante registrar que há cantos sobre os pássaros, tem o *guachire*⁴ sobre os pássaros, tem nomes de pássaros que usados no momento de batismo e que é dado pelo rezador.

A partir do momento em que as crianças respeitam as variedades de pássaros existentes e conhecem todas essas informações necessárias, elas começam a se identificar, saber por que o uso de cocar e começa a dar valor a sua cultura Guarani. Segundo os mais velhos do tekoha Porto Lindo esses ensinamentos são importantes para as crianças serem obedientes e valorizar o meio ambiente onde vive.

Com base nos ensinamentos aprendidos nas aldeias Guarani, cito mais especificamente com os mais idosos do tekoha Porto Lindo, existe uma história que foi muito triste para o povo Guarani. Segundo o relato deles viviam aqui na terra, alguns anos atrás os ancestrais dos Guarani. Ao chegar à época de frutas como jabuticaba, guavira⁵ e outras, o rezador chamou as crianças para irem buscar as frutas, pois era preciso realizar o batismo. O mesmo rezador, explicou que somente após o batismo as crianças poderiam consumir.

Depois do pedido, as crianças saíram mato adentro ao encontro das frutas. Passado algum tempo encontraram os pés de jabuticaba com muitas frutas e inúmeras guaviras. Não resistindo começaram a chupar e não seguiram as orientações do rezador. Após comer os alimentos, ficaram brincando, jogando frutas um para o outro e pulando de galho em galho. Quando lembraram já estava à noite e as crianças se sentiram muito estranho, um grupo ficou como macaco, outro como quati e nunca mais voltaram para a sua casa.

A partir desse conto sempre relatado pelos anciãos da aldeia, entendemos que na cultura guarani, as crianças precisam ser obedientes aos rezadores, aos mais idosos e

⁴ Canto Guarani de incentivo de socialização.

⁵ É um o fruto produzido pela gabirobeira, um arbusto silvestre que cresce nos campos e pastagens do cerrado brasileiro. (Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Gabiropa>)

aos pais. Aquelas que desrespeitarem a cultura, as regras e as normas da aldeia podem sofrerem conseqüências na sua vida.

Além disso, com esses ensinamentos as crianças aprendem a dar valor as plantas nativas, a reza, procuram aprender a rezar, conhecerem os respectivos nomes das plantas, a época de produção e cultivo das frutas e o que pode acontecer se eles (as) desobedecerem ao mais sábios, ou mais idosos.

As crianças Guarani e o ensinamento sobre batizo do nome...

O primeiro momento o rezador ou rezadora prepara todo o momento, faz a reza, chama o pai e a mãe da criança e marca o momento em um dia especial. Durante a reza, o rezador ou a rezadora já tem o nome da criança se for menina ou menino. Para a criança receber o nome, o pai e a mãe precisam trazer água e casca de cedro. Após a entrega, o rezador(a) novamente faz o *jehovasa* (benzimento) e molha a cabeça da criança e começa a explicar o nome da criança de onde vem e porque vai receber esse nome.

Se o nome veio através do sonho ou no momento da reza, depois de terminado o ritual de batismo explica o motivo do nome da criança. A criança pode receber nomes de pássaros, de frutas, pode receber o nome da lua, do sol, dos trovões ou de parente já falecido. Após relatar o nome, o rezador ou a rezadora começa a explicar o significado dos nomes, a importância do batismo e a reza para os pais realizarem para o futuro da criança. Segue alguns nomes de exemplo que temos no tekoha Porto Lindo.

- *Ava tendota*: significa índio sempre em frente aos desafios (nomes de homens);

- *Kunhatakua*: significa mulher que recebe o nome de um instrumento feito de bambu e que tem muito valor na cultura Guarani;

- *Ava jasy*: recebe o nome da lua que será muito respeitoso na comunidade;

- *Kunhatukambi*: recebe nome de uma pulseira enfeitada de muitas cores e precisa de muitos cuidados;

- *Ava vera*: recebe o nome de relâmpago. É um sinal de poder no céu;

- *Ava maino*: recebe o nome de passarinho - beija flor; Muito amor carinho e rapidez;

Como o rezador fazia para ensinar o ayu = reza

A rezadora ou o rezador chamava as crianças de sua família ou vizinhos, realiza uma reza e após algumas horas de reza, finaliza o momento explicando a importância dela as crianças que ali estavam e aos pais que ouviam atentamente a reza junto. Ainda durante todo esse momento de religiosidade Guarani, os rezadores mencionam que o Deus Tupã é o responsável pelo nosso envio aqui na terra e por esse motivo o povo Guarani precisa rezar sempre.

Em diálogo com os mais idosos da aldeia Porto Lindo, mais precisamente com a senhora Eunice Martins, anciã Guarani, as crianças precisam sempre ouvir várias vezes a reza, desde pequeno para colocar em prática onde estiver. Ainda de acordo com Eunice Martins, as crianças quando cantam, quando varrem a sua casa, quando deitam, quando lavam ou ajudam a lavar a roupa, no momento das brincadeiras com os vizinhos e nos encontros de parentes sempre vão rezar. Isso é importante para fortalecer a cultura e para as crianças apreenderem os nossos conhecimentos. Somente assim, praticando a cada momento que as crianças eram aprender.

Eliezer Martins, durante uma conversa com o senhor Carlos de Souza (kalo,I), indígena Guarani e pioneiro da aldeia Porto Lindo, menciona que os pais precisam ensinar os filhos a acompanhar o rezador na preparação de chicha para a festa, trazendo a cana e tocando *ombaraka*. Ainda é necessário que os pais ensinem o sambo, principalmente realizar a pintura corporal, usar *yvyra* e a confecção do colar e das pulseiras para a utilização. As mães precisam ensinar as filhas a tocar bem o taqua e dançar o guachire. Assim na festa ninguém ficava de fora.



IMAGEM 04 – Lugar especial onde o rezador recebe o nome e realiza a entrega desse nome.
Aldeia Porto Lindo/Japorã-MS.
Fonte: Eliezer Martins Rodrigues (2015).

Apresentando duas rezadoras do tekoha Porto Lindo....

Dona Eunice Martins, avó de Eliezer Martins, autor do texto foi uma rezadora muito conhecida na/pela comunidade Porto Lindo, inclusive pelos adolescentes, jovens, mulheres e principalmente pelas crianças Guarani. Através de seus pais, todos a respeitavam e tinham interesses de conhece-la.

Eunice, rezadora Guarani, tinha muitos saberes sobre os remédios tradicionais e todos esses conhecimentos ela repassou para a comunidade. Segundo a rezadora, as crianças precisam conhecer a história dos sábios da aldeia, somente assim elas irão conseguir entender e compreender melhor o mundo onde vive, conhece o seu povo, a sua família, a sua cultura e a história e o lugar de onde veio.

A educação que ela repassava e de forma pacienzosa, calma, suave, carinhosa e tranquila. Utilizava as palavras com a linguagem das crianças para dar ensinamentos, tanto para os pais como para as crianças sempre com muita atenção na sua palavra. Explicava varias e varias vezes se precisasse.

Dona Asunciona Vera, conhecida como *maina* Aurora é uma rezadora Guarani do tekoha Porto Lindo. Uma sabia senhora que orientou e curou varias pessoas. Fazia

benzimento quando alguém era picado por cobra e curava. Os remédios dela vinha somente do mato. Os saberes que ela sabia foi adquirido da sua mãedela.

Ela sempre dizia que não era pioneira da aldeia Porto Lindo, o tekoha dela era o chamado *Vitolkue*. Segundo Aurora foi lá onde nasceu. Mencionava que sua vinda para Porto Lindo foi após a morte de sua mãe e do seu pai.

Asunciona Vera dizia que as crianças precisam de muito cuidados no momento de repassar os conhecimentos, porque a criança não é sozinha na sua vida, tem família e tem origem. Ela é um corpo inteiro e ser humano que Deus mandou aqui na terra, por isso, precisa de atenção, e mesmo que você está preparando remédio, precisa de muito cuidado, porque isso vai servir para a sua vida.

De acordo com Aurora, a maioria das crianças Guarani já tem o conhecimento do seu povo, e com essas razões pretendemos aprofundar e melhorar as nossas pesquisas sobre os ensinamentos e os processos próprios da educação Guarani, principalmente o que se ensina antes, onde e como.

Na perspectiva de melhorar o ensino e os processos próprios da educação Guarani antes da escolarização e trazer isso dentro do currículo da escola que o que na lei esta garantido a partir da constituição federal de 1988.

2.3.As brincadeiras das crianças indígenas Guarani na Tekoha Porto Lindo/Japorã-MS antes da escola

A criança indígena Guarani Ñandeva na aldeia Porto Lindo, em geral, ocupa o seu tempo brincando, seja na sua casa, nas estradas, no mato, nas cachoeiras, nas escolas e a noite, até na hora de dormir. Durante a noite dentro da sua casa com seus irmãos as crianças realizam brincadeiras, mas é no período do dia que mais se divertem com os parentes e vizinhos.

A brincadeira para as crianças Guarani Ñandeva de Porto Lindo representam alegria de viver, a criança descobri o seu próprio corpo, o seu olhar, as suas mãos, os seus pés, as orelhas, os cabelos, as unhas, os dedos, o joelho, a pele até o seu nariz tudo através das brincadeiras. É por meio delas que as crianças começam a perceber a importância das funções de cada parte do seu corpo.

Uma das brincadeiras que aprendi do meu pai Elias Martins é de um conto sobre o galo e o guará.

Começa assim o galo estava cantando em cima de um cupinzeiro. De repente o guará ouviu e logo estava se aproximando do galo querendo comer. O guará quando estava para pular no galo, então o galo começou a contar dizendo bem alto um, dois, três, quatro, cinco, seis e o guará então perguntou para o galo o que está contando? O galo respondeu os cachorros que estão vindo na sua direção e o guará então se assustou muito e foi embora.

Esse é um conto que as crianças gostam muito de ouvir. Observo que não é somente ouvir, mas elas começam a colocar em prática por meio da brincadeira o faz de conta. Com isso, cada criança observa o seu corpo e descobre o seu espaço e ocupa o seu tempo.

Enquanto infância na aldeia as brincadeiras representam para a criança uma forma de viver bem, com saúde, com a família e se sentir seguras onde vivem, cada brincadeira tem uma função, a moral da brincadeira citada acima é ser esperto para inventar uma solução para escapar de uma situação difícil, quando está passando por um momento muito apertado, a criança gosta muito desse tipo de brincadeira principalmente dentro e fora da sala de aula, como professor indígena na área de educação infantil percebi que as crianças precisam muito ter esse tempo para brincar, somente brincando elas ocupam o seu espaço de dia e inclusive a noite, a criança chega até conversar com o seu colega e no outro dia comentam juntas o seu sonho que tiveram.

Na minha avaliação acredito que na educação infantil realmente precisamos registrar todas as brincadeiras existentes aqui na Aldeia Porto Lindo para que seja inserido no PPP(Projeto Político Pedagógico),somente assim a Educação Infantil na sala de aula pode ajudar as crianças a terem o gosto de se sentir seguras no seu espaço de convívio e junto a comunidade.

Fiquei muito contente quando ouvi o que o Senhor Rosalino Ortiz, Avá Tupa Chirino, falou na visita que fizemos com o doutorando do Programa de Desenvolvimento Local da UCDB, o parceiro Yan Chaparro, que

As crianças Guarani Ñandeva precisam saber o jeito de brincar do nosso povo, pois através dessas brincadeiras também ensinamos as nossas crianças a educação, não somente na sala de aula, mas antes da sala de aula as nossas crianças também aprendem muitas coisas importantes e vocês como professores tem que repassar isso para nossas crianças, mas eu já estou velho, mas estou sempre pronto para receber os professores (Depoimento em dezembro de 2017).

Ao terminar a sua fala, observamos o quanto o senhor Rosalino Ortiz tinha se emocionado. A partir de sua participação, recordei que a cultura não é superior e nem inferior. A gente leva na estratégia e negocia que ela está em um espaço de inferiorização. A nossa cultura tem valor. Essa afirmação nós Guarani Nhandeva de Porto Lindo aprendemos desde pequenos por meio dos ensinamentos das brincadeiras.

Sinto que o Projeto está no caminho certo na fala do Senhor Rozalino Ortiz Ava Tupa Chirino, senti que ele está pedindo em nome das nossas crianças Guarani Nhandeva de Porto Lindo, que esses ensinamentos não aconteçam somente na sala de aula, que os professores pratiquem essas brincadeiras tradicionais dentro e fora de sala de aula, pois são uma forma de ensinamento também, ensinamento do jeito do viver Guarani, de se identificar Guarani dentro do espaço escolar, onde acontece a identidade Guarani Nhandeva.

As brincadeiras incentivam as crianças a serem espertas, terem carinho um pelo outro, perder o medo de errar, aprender sua vez de responder e de perguntar. De acordo com a minha experiência de professor da Educação Infantil, nenhuma criança fica fora da brincadeira e da conversa se for do jeito que ela organizou, pensou e imaginou. Elas participam o tempo todo. Diante desse fato, posso mencionar que a criança Guarani Nhandeva faz careta na boca, no olhar imita animais ferozes e mansos, regularmente imita as outras pessoas, ou seja, usam o corpo de várias formas, deitado, correndo, chutando e pulando de alegria. Por esse e outros diferentes motivos que penso que o Projeto Criança Guarani Nhandeva vai ajudar muito na educação escolar indígena da Aldeia Porto Lindo, trazendo os saberes das brincadeiras Guarani Nhandeva para a educação escolar.

REFERENCIAS

BRAND, Antônio J. A criança Kaiowá e guarani em contexto de rápidas mudanças – Uma abordagem histórica. In: NASCIMENTO, Adir Casaro; URQUIZA, Antônio Hilário Aguilera; VIEIRA, Carlos Naglis (Org.). *Criança indígena: diversidade cultural, educação e representações sociais*. Brasília: Líber Livros, 2011.

BRAND, Antônio J.; COLMAN, Rosa Sebastiana. Considerações sobre Território para os Kaiowá e Guarani. In: *Tellus* (UCDB), v. 15, p. 153-174, 2008.

BRASIL. *Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas*. Brasília: MEC/SEF, 1998.

COLMAN, Rosa Sebastiana. *Território e sustentabilidade: Os Guarani e Kaiowá de Yvy Katu*. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Local) – UCDB, Campo Grande, 2007.

LANDA, Beatriz dos Santos. *Os Ñandeva Guarani e o uso do espaço na Terra Indígena Porto Lindo Jacarey, Município de JAPORÁ/MS*. Tese (Doutorado em Arqueologia). Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2005.

LANDA, Beatriz dos Santos. *Crianças Guarani: atividades, uso do espaço a formação do registro arqueológico*. In: NASCIMENTO, Adir Casaro; URQUIZA, Antônio Hilário Aguilera; VIEIRA, Carlos Naglis (Org.). *Criança indígena: diversidade cultural, educação e representações sociais*. Brasília: Líber Livros, 2011. p. 45-74.